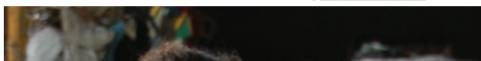


Catadoras e Catadores em Belo Horizonte, Brasil

por Ana Carolina Ogando e Marina Brito
com Ângela Rosane Oliveira e Sonia Dias
Julho, 2013

 Belo Horizonte



Estudo de Monitoramento da Economia Informal (EMEI) - Catadoras e Catadores em Belo Horizonte

A pesquisa ocorreu entre junho e setembro de 2012 em Belo Horizonte. Neste período, quinze grupos focais foram conduzidos, sendo que cinco grupos envolveram apenas mulheres, cinco envolveram homens e cinco eram mistos. A Equipe de Pesquisa de Belo Horizonte era formada por Ana Carolina Ogando, Diva Moreira, Marina Brito, Luís Barros e Ângela Rosane de Oliveira

Sobre as Autoras e Contribuidoras

Ana Carolina Ogando é Pesquisadora de Pós Doutorado em Ciência Política e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seus interesses incluem teoria política feminista, teorias de movimentos sociais e pensamento político brasileiro.

Marina Brito é doutoranda em Ciência Política na UFMG. Seus estudos incluem formação complementar em metodologia quantitativa, e seus atuais campos de pesquisa são as políticas públicas e os movimentos feministas na América Latina.

Ângela Rosane de Oliveira é formada em psicologia e especializada em Educação Ambiental/Gestão Pública e Sociedade. Ela é membro da ONG Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA) e sua área de conhecimento é a inclusão social de catadores em políticas de resíduos sólidos.

Sonia Dias é doutora em Ciência Política. É especialista em resíduos da WIEGO, membro do Comitê Consultivo Técnico de EMEI e professora visitante no Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher (NEPEM) da UFMG. Entre seus interesses e especialização estão inclusão social, gestão de resíduos sólidos e políticas públicas,

Agradecimentos:

A equipe gostaria de agradecer Melanie Samson por sua revisão cuidadosa e criteriosa, e Luís Barros, que realizou quatro entrevistas essenciais com informantes. A equipe também gostaria de destacar a cooperação recebida das organizações de base envolvidas na presente pesquisa e a equipe do INSEA por seu apoio.

Data de publicação: Julho, 2013

Número de ISBN: 978-92-95095-76-2

Publicado por Mulheres em Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) Companhia Filantrópica Limitada por Garantia - Empresa N.º 6273538, Registro de entidade Filantrópica: 1143510.

WIEGO Secretariat
Harvard Kennedy School,
Rua John F. Kennedy,
Cambridge, MA 02138, USA

WIEGO Limited
521 Royal Exchange
79 Manchester, M2 7EN,
Reino Unido

www.wiego.org

Direitos reservados © WIEGO. Este relatório pode ser replicado para fins educativos e de organização, desde que seja reconhecida a fonte.

Citação completa: Ogando, Ana Carolina e Marina Brito com Ângela Rosane Oliveira e Sonia Dias. *Estudo de Monitoramento de Economia Informal: Catadoras e Catadores em Belo Horizonte, Brasil*. WIEGO: Manchester, R.U.

Fotografia da Capa: Déa Tomich

Design: Julian Luckham de Luckham Creative

Sobre o Estudo de Monitoramento da Economia Informal

O Estudo de Monitoramento da Economia Informal (EMEI) é um grande estudo longitudinal da economia informal urbana que está sendo realizado em dois momentos diferentes - 2012 e 2015 - em dez cidades ao redor do globo: Acra, Gana; Ahmedabad, Índia; Bangcoc, Tailândia; Belo Horizonte, Brasil; Bogotá, Colômbia; Durban, África do Sul; Lahore, Paquistão; Lima, Peru, Nakuru, Quênia; e Pune, Índia. O estudo combina métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos para fornecer uma compreensão aprofundada de como três grupos de trabalhadores informais urbanos - trabalhadores domiciliares, vendedores ambulantes e catadores - são afetados e reagem às tendências econômicas, políticas e práticas urbanas, dinâmicas de cadeia de valor e outras forças econômicas e sociais. O IEMS gerará dados sobre a economia informal urbana. Em cada cidade, uma equipe de cinco pesquisadores trabalhou em conjunto com uma organização de base de trabalhadores informais de abril de 2012 a abril de 2013 para coletar e analisar a primeira rodada de dados.

É possível encontrar todos os relatórios de pesquisa das cidades, além dos relatórios setoriais (um para o trabalho domiciliar, um para o comércio ambulante e um para a coleta de materiais recicláveis), um relatório global e outras informações sobre o estudo nos endereços www.inclusivecities.org e www.wiego.org.

Índice

Uma observação sobre o uso da linguagem	1
Sumário Executivo	2
Implicação para Políticas	4
Introdução	6
Objetivos do Estudo	6
Estrutura Conceitual	7
Metodologia e Amostragem	7
Resumo da Cidade e Setor	9
Visão Geral do apoio de ONGs para o Estudo EMEI e OB's Participantes	10
Parte 1: Características de Trabalhadores, Domicílios e Empreendimentos/Setor	12
1.1 Características de Trabalhadores Individuais e Domicílio	12
1.2 Características de Empresas Individuais	15
1.3 Características do Setor/Cadeia de Valor	18
Parte 2: Alterações no Setor	22
2.1 Forças Motrizes do Setor e Respostas	22
2.1.1 Políticas e Práticas Governamentais/Municipais	22
2.1.2 Dinâmica da Cadeia de Valor	26
2.1.3 Outras Forças	28
2.2. Reações e Forças Intermediárias	30
2.2.1 Reações	30
2.2.2 Instituições Intermediárias	31
2.2.3 OB's	37
Parte 3: Elos e Contribuições	38
3.1 Elos com a Economia Formal	38
3.2 Elo com Cidade/Planejamento Urbano/Governo	38
3.3 Contribuições para a Cidade	39
Parte 4: Principais Descobertas e Implicações para Políticas	40
4.1 Divisão Sexual do Trabalho e Análise de Gênero das Atividades de Trabalho	40
4.2 Instabilidade Econômica e Ameaças ao Setor Informal	40
Implicação para Políticas	41
Referências	43
Anexo	44

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Resumo das Cidades, Setores e Parceiros	6
Tabela 2 - Resumo dos Participantes do Estudo	8
Tabela 3 - Distribuição dos Participantes na Pesquisa Quantitativa do EMEI	9
Tabela 4 - Descrição Resumida das OB's que Participam do EMEI	11
Tabela 5 - Características Básicas do Domicílio, Por sexo	12
Tabela 6 - Nível de Escolaridade do Respondente, Por Sexo (%)	13
Tabela 7 - Características Demográficas do Domicílio, Por Sexo	13
Tabela 8 - Principal Fonte de Renda Familiar, por Sexo	14
Tabela 9 - Acesso a outros tipos de renda do domicílio, por sexo (%)	15
Tabela 10 - Status no emprego, por sexo (%)	15
Tabela 11 - Receita média e jornada de trabalho, por sexo e lugar de trabalho	17
Tabela 12 - Número de auxiliares remunerados ou não-remunerados, por sexo e lugar de trabalho (%)	18
Tabela 13 - Tipos de Atividades de Coleta de Materiais Recicláveis, por Local de Trabalho	19
Tabela 14 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Negativas	23
Tabela 15 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Positivas	24
Tabela 16 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Negativas	26
Tabela 17 - Força Motriz N.º 2 - Dinâmica da Cadeia de Valor - Ranking das Forças Positivas	28
Tabela 18 - Força Motriz N.º 3 - Outras Forças - Ranking de Forças Negativas	28
Tabela 19 - Força Motriz N.º 2 - Dinâmica da Cadeia de Valor - Ranking das Forças Positivas	29
Tabela 20 - Respostas às Forças Motrizes	30
Tabela 21 - Matriz de Instituições em Termos de Frequência e Importância	31
Tabela 22 - Matriz de Intervenções	32
Tabela 23 - Informantes chaves	44

Lista de Diagramas

Diagrama 1 - Quebra-Gelo, Belo Horizonte, Brasil	16
Diagrama 2 - Diagrama de Elos Econômicos, Belo Horizonte, Brasil	19
Diagrama 3 - Fluxograma Causal da Mais Importante Força Motriz Negativa da Dinâmica da Cadeia de Valor - "Preços Baixos"	27

Uma observação sobre o uso da linguagem

A Mulheres no Trabalho Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) tem a missão de melhorar a situação das pessoas que trabalham na economia informal, especialmente mulheres, para que tenham as mesmas oportunidades econômicas e direitos, além da possibilidade de determinar as condições em que trabalham e vivem. Para tal, a WIEGO busca apoiar essas pessoas para que: 1) tenham maior voz, através de organizações fortes e democráticas que as representem em situações de tomada de decisões; 2) tenham maior visibilidade em pesquisas e dados estatísticos; 3) aumentem sua validade, refletida no reconhecimento do apoio que esse setor tem para a economia em geral. Assim, não podemos deixar de abordar o assunto dos riscos que existem em determinados usos do português relacionados à ocultação ou discriminação das mulheres.

Cada vez mais, organizações sociais, entidades acadêmicas e órgãos do governo têm convocado todos para que evitem o uso de discursos que perpetuem a desigualdade entre os sexos ou a ocultação de um dos sexos - geralmente o feminino. O uso de genéricos masculinos, entre outros, tem sido um importante foco de atenção, já que oferece uma imagem ambígua que frequentemente pode ocultar uma importante presença das mulheres.

As alternativas para isso são várias: pode-se recorrer ao uso da ampliação (ou seja, especificar os substantivos femininos e masculinos) ou ao uso de substantivos genéricos, coletivos ou abstratos. A primeira opção, embora seja a que oferece a maior precisão em termos linguísticos, costuma levar a outro tipo de desafios relacionados à fluidez do texto, já que cria estruturas repetitivas e difíceis de ler. Para balancear nosso interesse em aumentar a voz, a visibilidade e a validade das mulheres no nível discursivo com o interesse de seguir produzindo materiais acessíveis ao nosso público, a WIEGO tentará, na medida do possível, utilizar termos genéricos, coletivos e abstratos. O uso de desdobramentos será feito uma vez no texto para destacar que essa é nossa preferência. No entanto, a partir de então, caso seja impossível usar outras alternativas, serão utilizados genéricos masculinos.

Sumário Executivo

Estatísticas recentes mostram que a maioria dos homens e mulheres trabalhadores de países em desenvolvimento ganha suas vidas na economia informal. O Estudo de Monitoramento da Economia Informal (EMEI) é um estudo qualitativo e quantitativo criado para avaliar a realidade das vidas desses trabalhadores. Com pesquisas realizadas em dez cidades ao longo de três anos, o EMEI tem o objetivo de fornecer evidências críveis e fundamentadas da gama de forças motrizes – positivas e negativas – que afetam as condições de trabalho na economia informal ao longo do tempo. Os trabalhadores informais e suas organizações de base (OB's) ocupam o centro da análise.

A Pesquisa em Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, a pesquisa do EMEI foi realizada com catadoras e catadores¹ de cinco cooperativas: Asmare, Associrecycle, Coopersoli Barreiro, Coopersol Leste e Comarp. Foram usadas duas variáveis para selecionar a amostra de 149 trabalhadores informais: 1) gênero; e 2) a fonte de renda, com a segunda sendo dividida entre aqueles que coletam materiais nas ruas com carrinhos e aqueles que realizam atividades internas, como triagem, funções administrativas, e ações operacionais ou políticas dentro das organizações.

Todos os 149 catadores – 100 mulheres e 49 homens – responderam a um questionário. Além disso, 73 deles participaram de 15 grupos focais realizados entre junho e setembro de 2012. Cinco desses grupos envolveram apenas mulheres, cinco envolveram apenas homens e cinco foram mistos. E por fim, as principais entrevistas de informantes foram realizadas com autoridades municipais/estaduais, um representante de ONG e um representante do movimento dos catadores como forma de explorar ainda mais as questões levantadas pelo estudo.

Descobertas

Durante a pesquisa, os catadores classificaram e discutiram fatores que ajudaram e atrapalharam sua luta pela sobrevivência. As descobertas do questionário revelaram que, especialmente para os catadores de rua, a OB é a instituição mais importante. Participantes de grupos focais consistentemente sentiram-se bem em relação ao fato de estarem nas cooperativas, que criavam um ambiente de apoio e uma sensação de unidade e solidariedade, além de também oferecer oportunidades de trabalho.

Outras relações, contudo, são a chave para a sobrevivência dos catadores. As duas forças motrizes mais negativas e importantes identificadas pelos catadores são aquelas relacionadas a “Políticas e Práticas Municipais/Governamentais” e “Dinâmicas da Cadeia de Valor”.

Políticas e Práticas Governamentais/Municipais

Tanto as descobertas dos grupos focais quanto as dos questionários reforçaram o fato de que a prefeitura de Belo Horizonte é uma das instituições mais importantes em termos de apoio aos meios de sustento dos trabalhadores daquela cidade. O setor de coleta de materiais recicláveis depende muito da prefeitura (através do órgão chamado Superintendência da Limpeza Urbana, SLU). A maioria dos grupos focais compartilhou opiniões positivas sobre as políticas e práticas da SLU, especialmente o programa que oferece a eles os materiais recicláveis. Muitas cooperativas afirmaram que não teriam material suficiente sem ele. Contudo, durante os grupos focais do EMEI, surgiram preocupações quanto ao estado atual do relacionamento entre a prefeitura e os catadores.

A preocupação citada com maior frequência foi a insuficiência da infraestrutura oferecida pela SLU, especialmente com relação ao espaço em galpões. A baixa qualidade e layout das instalações custa tempo, energia e dinheiro para os catadores, já que reduz a eficiência operacional e cria condições insalubres e de risco no local de trabalho. A falta de espaço impede os catadores de armazenar materiais com segurança para evitar danos causados, por exemplo, pelas chuvas. Quando o material perde sua qualidade, ele não pode ser vendido pelo melhor preço. Além disso, não ter espaço para armazenamento significa que o material deve ser vendido imediatamente a um comprador nas proximidades, em vez de ser mantido até conseguirem um preço mais alto.

¹ Em Belo Horizonte, esses trabalhadores manuseiam apenas recicláveis (e não lixo doméstico) e estão integrados ao sistema municipal. Apenas duas das cinco cooperativas têm trabalhadores que fazem coletas manuais nas ruas ou domicílios. A maioria do material vem de grandes geradores de resíduos (comércio ou indústrias), deixados por residentes em locais de coleta ou entregues a centros de triagem de cooperativas por caminhões municipais.

A questão da infraestrutura, levantada na maioria dos grupos focais, refere-se à frustração dos catadores com as condições de trabalho. Vários deles expressaram a necessidade de estabelecer um diálogo melhor com a SLU para melhorar essas condições. Em alguns casos, os catadores apontaram que são eles que têm mais capacidade de resolver alguns dos problemas com o layout dos galpões, já que lidam com os problemas diariamente. Embora sintam que as soluções deveriam ser criadas em parceria com as autoridades municipais, os catadores acabam inventando maneiras de lidar com a situação através da criação de novos sistemas.

O segundo problema mais mencionado é a falta de segurança nos galpões. Um em particular foi arrombado diversas vezes e vários itens pessoais, além de equipamentos, foram roubados. Isso não apenas assusta os trabalhadores, mas também o fato de perder computadores e balanças do galpão afeta a sua produtividade. Intervenções da prefeitura, incluindo a construção de um portão e o envolvimento da guarda municipal, não preveniram os roubos.

A pesquisa destacou a complexidade da relação dos catadores com a prefeitura. Por um lado, as cooperativas são altamente dependentes dela; por outro, algumas alegam que ela não responde o suficiente a suas necessidades ou não é transparente o bastante em suas interações. Uma descoberta importante foi a do desejo dos catadores de melhorar o relacionamento com a prefeitura como uma maneira de aperfeiçoar as condições de seu trabalho. Algumas discussões trazidas para os grupos focais refletiram sobre como o relacionamento com a prefeitura era mais sólido no passado do que é com a administração atual.

Os governos estadual e federal também desempenham um papel crucial para os catadores através dos oferecimentos dos programas de assistência social, do qual dependem os trabalhadores e suas famílias. Os dois principais programas citados foram o Bolsa Família – programa de transferência de fundos do governo federal – e o Bolsa Reciclagem – incentivo financeiro para catadores implementado pelo governo estadual de Minas Gerais. Essas descobertas corroboram estudos que demonstram a eficácia dos esforços do governo, especialmente no nível federal, para reduzir os níveis de desigualdade no Brasil. Além disso, é necessário destacar que esses programas foram citados principalmente pelas participantes mulheres.

Após a SLU, a segunda força governamental mencionada com maior frequência pelos catadores foi o programa Bolsa Reciclagem. Graças a esse programa, cada cooperativa recebe dinheiro – para distribuir individualmente a seus membros catadores – com base na quantidade e tipo de recicláveis coletados e vendidos. Os fundos vêm do tesouro do governo estadual. Os catadores expressaram entusiasmo com esse programa.

As descobertas quantitativas e qualitativas do estudo EMEI destacam o impacto significativo que determinadas intervenções do governo, como benefícios sociais, podem ter sobre as vidas dos catadores.

O relacionamento com a população municipal também foi mencionado. Os catadores destacaram que o público, em geral, não tem conhecimento sobre o processo de reciclagem e não respeita o trabalho realizado pelos catadores em Belo Horizonte. Os problemas de infraestrutura afetam ainda mais o relacionamento com a comunidade. Um trabalhador de uma cooperativa afirmou que “se o galpão fosse mais organizado, as pessoas não teriam medo” de entrar. Embora a discriminação definitivamente tenha diminuído ao longo dos anos, mais investimentos têm sido feitos em termos de campanhas educativas. Os catadores acreditam que isso poderia ser feito com o auxílio da prefeitura, como em administrações anteriores, especialmente na década de 1990.

Dinâmica da Cadeia de Valor

Em termos de dinâmica da cadeia de valor, a insegurança financeira e os preços baixos ou variáveis dos materiais recicláveis são uma grande preocupação para os catadores. Com relação aos preços baixos – que os catadores disseram ter o maior impacto negativo – um trabalhador realçou que os catadores “não ganham o mesmo que ganhavam há 15 (ou) 20 anos”.

Além disso, as cooperativas de catadores não têm conseguido vender diretamente às indústrias de reciclagem, precisando depender de intermediários – ou revendedores – que são poucos, o que limita as opções dos catadores de obter um bom preço por seus materiais (papel, plástico, garrafas PET, latas de alumínio, vidro e eletrônicos). De acordo com os catadores, a queda dos preços de seus materiais significa que eles dependem muito mais desses poucos intermediários. Isso foi relacionado como a segunda força motriz negativa dentro da dinâmica da cadeia de valor. E por fim, um terceiro

obstáculo discutido foi a falta de indústrias de reciclagem em Minas Gerais – outro fator que contribuiu para a dependência dos intermediários.

As cooperativas de reciclagem de Belo Horizonte estudadas estão ligadas a duas redes diferentes de organizações de catadores: Cataunidos e Redesol. Ambas foram criadas para apoiar a venda conjunta de recicláveis e/ou o semiprocessamento de materiais como um modo de subir um degrau na cadeia de reciclagem (Dias 2011b). Há uma necessidade urgente de fortalecer as duas redes de comercialização existentes para que os esforços por comercialização conjunta tenham sucesso, o que eliminaria a dependência de intermediários. Nesse caso, as redes de OB's poderiam desempenhar um papel importante na obtenção de contatos melhores em outros estados.

E por fim, apesar das preocupações acerca de seu estado econômico atual, as descobertas do questionário mostraram que vários trabalhadores têm uma visão otimista de sua situação econômica no futuro.

Implicação para Políticas

Falta de Conscientização da População acerca da Reciclagem

Discussões nos grupos focais revelaram a falta de respeito e conhecimento da população acerca do processo de reciclagem em geral. Vários catadores sentem que a população e a comunidade deveriam estar mais bem informadas sobre como separar materiais recicláveis. Além disso, vários catadores citaram a necessidade de trazer de volta programas educacionais, campanhas de mídia e até mesmo discussões em escolas e na comunidade sobre a importância da reciclagem para a cidade e o meio ambiente.

Isso reflete a necessidade da SLU de investir mais em campanhas educativas e iniciativas que coloquem em evidência o trabalho realizado pelos catadores de Belo Horizonte. Isso não apenas estabeleceria um maior reconhecimento das contribuições dos catadores para a cidade, mas também levaria a um aumento na quantidade de materiais enviados a cooperativas. Atualmente, muitos materiais enviados às cooperativas é misturado com lixo orgânico e cheio de refugos, mesmo os materiais deixados por doadores individuais.

Essencialmente, a falta de consciência da população acerca da reciclagem deveria forçar a SLU a repensar seus programas. Muito do que caracterizava as políticas públicas de Belo Horizonte nessa área na década de 90 era exatamente o investimento no reconhecimento social de atividades de coleta de resíduos. Na verdade, uma liderança do movimento entrevistada para este estudo lembrou como Belo Horizonte era conhecida pelos progressos na organização e divulgação de empreendimentos econômicos solidários, especialmente através da criação de cooperativas de coleta de resíduos. Essa mesma liderança também destacou como Belo Horizonte era um modelo para outras cidades de Minas Gerais e até mesmo para outros estados do país.

De acordo com ele, as recentes administrações da prefeitura distanciaram-se dos catadores. Em sua opinião, tem havido uma tendência a deixar as questões relacionadas aos catadores para a Secretaria Adjunta de Assistência Social, em vez da SLU, que lida diretamente com o programa de coleta seletiva. Para ele, o problema é que não há diálogo entre essas duas secretarias.

O representante da ONG Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA) reforçou sua opinião afirmando que o desgaste no relacionamento entre os catadores e a SLU começou há alguns anos. A desmobilização ocorre como resultado de uma higienização política no centro que incluiu várias tentativas de eliminar os catadores das ruas. Esses esforços ocorreram porque também houve um enfraquecimento da coleta seletiva.

Esses pontos de vista refletem uma demanda clara pelo estabelecimento de um melhor relacionamento entre os catadores e a SLU, voltando a como era no passado. Além disso, é essencial reconsiderar a implementação de programas que destaquem o valor do trabalho realizado pelos catadores, pois isso facilitaria a existência de uma maior conexão entre a população e esses trabalhadores informais. Em outras palavras, a falta de consciência da população está associada à visão da SLU para a reciclagem na cidade. Assim, essa preocupação ilustra o quão importante é o monitoramento dos programas de políticas da SLU e mudanças de perspectiva. Essa análise e compreensão da posição da SLU, com relação às atividades dos catadores, revelará que rotas políticas são mais benéficas para os catadores.

Problemas de Infraestrutura

Uma reclamação predominante que surgiu neste estudo está relacionada à fraca infraestrutura e design dos galpões. Falta de espaço, desorganização e problemas com equipamentos são mais um fardo para a carga de trabalho dos catadores. Esses problemas afetam diretamente a saúde e os relacionamentos pessoais deles dentro dos galpões. Uma das questões que frequentemente surgem durante os grupos focais foi a presença de ratos, criando um local de trabalho não higiênico e até mesmo perigoso. Além disso, os catadores sentem que os elaboradores de políticas e os representantes da prefeitura não levam suas sugestões e pontos de vista em consideração ao desenhar os layouts de novos galpões.

A autoridade da SLU reconheceu as dificuldades causadas pela infraestrutura dos galpões, o que é atribuído ao fato de que vários deles foram improvisados para reciclagem. Nesses casos, a autoridade acredita que não há muito a ser feito quanto à alteração do layout.

Uma implicação clara para políticas envolve a disposição da SLU de uma discussão mais próxima com os catadores acerca de infraestrutura no futuro. Não é mais recomendável apenas fazer um planejamento cuidadoso, mas também avaliar o que deve ser feito para tornar as condições de trabalho mais seguras para os catadores. Também devem ser avaliados novos avanços tecnológicos e equipamentos que possam melhorar a eficiência do processo de reciclagem.

E essencialmente, isso aponta para a necessidade de considerar o planejamento da infraestrutura de maneira séria, especialmente no caso de planos para a expansão do programa de reciclagem da prefeitura.

Fortalecimento de Redes de OB's

As discussões dos grupos focais revelaram a falta de força das Redes de OB's em ajudar as cooperativas a comercializar seus materiais de maneira que desafie a atual dinâmica da cadeia de valor. No presente, e como demonstrado neste relatório, há uma grande dependência dos intermediários. Além disso, vários participantes não estavam totalmente cientes dos papéis desempenhados pelas Redes de OB's em suas cooperativas e em suas próprias situações profissionais, o que reflete a necessidade de maior comunicação entre as cooperativas, Redes de OB's e até mesmo ONGs de apoio aos catadores.

Programas de Assistência Social

O estudo reforçou a noção de que os governos municipais, estaduais e federais ajudam famílias de baixa renda ao oferecer programas de transferência de fundos ou incentivos pelo trabalho bem feito. Esses programas refletem a mudança do governo federal nos últimos 10 anos rumo ao fortalecimento de programas de assistência social para erradicar a pobreza em suas diversas formas.

As discussões destacam a dependência de programas como o Bolsa Família como um apoio financeiro adicional e essencial, especialmente em tempos de instabilidade no mercado ou de problemas internos nos galpões.

O recém-implantado Bolsa Reciclagem também é um programa importante cujo objetivo é oferecer incentivo para cooperativas e associações, tal como reforçado neste estudo. Os catadores veem-no como uma saída em períodos frequentes de instabilidade financeira. Quando há uma redução na quantidade de materiais enviados às cooperativas, os ganhos dos catadores diminuem, e esses trabalhadores dependem muito mais das políticas de assistência social do governo.

As descobertas apresentadas revelam que devido aos impactos de crises e instabilidades econômicas, os trabalhadores informais do setor de reciclagem de Belo Horizonte são forçados a depender de programas do governo. Nesse sentido, o recém-implantado Bolsa Reciclagem é um progresso em termos de garantir a proteção social desse setor.

Introdução

Objetivos do Estudo

Hoje em dia é amplamente reconhecido que a maioria dos trabalhadores dos países em desenvolvimento ganha suas vidas na economia informal. Avanços em estatísticas oficiais mostram que o emprego informal representa mais de metade do emprego não agrícola na maioria das regiões, e até 82% no sul da Ásia e 80% em muitos países da África Subsaariana (Sitio Web da WIEGO 2013). Embora vários estudos forneçam teorias para explicar a persistência, características e crescimento do emprego informal, poucos avaliaram as realidades básicas de trabalho na economia informal – e ninguém o fez ao longo do tempo e de um número suficientemente grande de setores e cidades. O Estudo de Monitoramento da Economia Informal (EMEI) busca preencher essa lacuna.

De maneira mais específica, o objetivo do presente estudo é fornecer evidências críveis e fundamentadas da gama de forças motrizes – positivas e negativas – que afetam as condições de trabalho na economia informal ao longo do tempo. O estudo coloca os trabalhadores informais e suas organizações no centro da análise, examinando não apenas o impacto dessas forças, mas também as respostas estratégicas dos trabalhadores informais a elas. Ele é baseado em uma abordagem colaborativa entre pesquisadores e organizações de base (OB's) de trabalhadores informais para monitorar, de maneira contínua, o estado dos trabalhadores em três setores – trabalho domiciliar, comércio ambulante e coleta de materiais recicláveis – e também desenvolver a capacidade das OB's de avaliar e mediar as forças motrizes que afetam seu trabalho.

O estudo é baseado em dez cidades, da seguinte maneira:

Tabela 1 - Resumo das Cidades, Setores e Parceiros		
	Setor(es)	Parceiros Locais
África		
Acra, Gana	Venda Ambulante	ISSER (Instituto de Pesquisa Estatística, Social e Econômica) e StreetNet Ghana Alliance
Durban, África do Sul	Venda Ambulante, Coleta de Materiais Recicláveis	Asiye eTafuleni
Nakuru, Quênia	Venda Ambulante, Coleta de Materiais Recicláveis	KENASVIT (Aliança Nacional Queniana de Vendedores Ambulantes e Comerciantes Informais)
Ásia		
Ahmedabad, Índia	Trabalho Domiciliar, Venda Ambulante	SEWA (Associação de Mulheres Auto empregadas)
Bangcoc, Tailândia	Trabalho Domiciliar	HomeNet Thailand
Lahore, Paquistão	Trabalho Domiciliar	HomeNet Pakistan
Pune, Índia	Coleta de Materiais Recicláveis	Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat (KKPKP)
América Latina		
Belo Horizonte, Brasil	Coleta de Materiais Recicláveis	Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável de Belo Horizonte
Bogotá, Colômbia	Coleta de Materiais Recicláveis	Asociación de Recicladores de Bogotá (ARB)
Lima, Peru	Venda Ambulante	Federación Departamental de Vendedores Ambulantes de Lima y Callao (FEDEVAL)

Fonte: Estrutura Metodológica do EMEI

Estrutura Conceitual

No IEMS, o termo “forças motrizes” é utilizado para os fatores sistêmicos que podem afetar, de maneira positiva ou negativa, as ocupações ou meios de sustento dos trabalhadores informais urbanos. Três categorias de “forças motrizes” são as bases do estudo. Primeiro, o EMEI explora a economia como uma força motriz: ou seja, as condições macroeconômicas como inflação, recessão e padrões de crescimento que podem influenciar as condições de trabalho na economia informal. Segundo, o IEMS examina políticas e práticas governamentais, de forma específica, mas não exclusiva, que operam no nível municipal, incluindo planejamento e políticas urbanas, regulamentações de zoneamento, políticas específicas de setores, normas regulamentares e entrega de infraestrutura e serviços urbanos. Terceiro, o EMEI considera dinâmicas da cadeia de valor específicas do setor, incluindo as relações de poder entre trabalhadores informais e seus fornecedores e compradores, além do papel dos intermediários na cadeia de valor. A estrutura também permite a identificação de outras forças motrizes, como migração, que podem ter um impacto significativo sobre as condições de trabalho de um setor ou cidade específica.

O EMEI presume que o impacto dessas forças motrizes é mediado por instituições e agentes relacionados ao setor específico sendo estudado em cada cidade. O estudo examina uma gama de instituições, incluindo instituições governamentais, organizações da sociedade civil e, fundamentalmente, OB's de trabalhadores informais. Ele explora as respostas de trabalhadores informais às forças motrizes em cada cidade, e com relação aos elos econômicos, políticos e espaciais dentro de cada setor. Por fim, através de seu design de amostragem, o estudo permite comparações no nível individual por gênero (em cidades nas quais homens e mulheres pertencem à OB parceira), situação empregatícia e localização do local de trabalho.

Metodologia e Amostragem

O EMEI baseia-se em métodos qualitativos e quantitativos. O componente qualitativo consiste de uma avaliação participativa da economia informal (PIEA), um método inovador criado para capturar sistematicamente as percepções e entendimentos de trabalhadores informais usando suas próprias palavras, em um ambiente de grupo focal (GF).² Cada equipe de uma cidade conduz 15 grupos focais (por setor), nos quais nove ferramentas – organizadas com base nos temas das características dos setores, forças motrizes e respostas, o ambiente institucional e as contribuições do setor para a cidade – foram usadas para gerar dados relacionados à estrutura conceitual. Os resultados dos grupos focais foram registrados em relatórios de cerca de 12 páginas, em média, imediatamente após cada grupo focal ser realizado, quando então esses relatórios foram analisados.

O componente quantitativo consiste de um questionário aplicado aos 75 participantes de grupos focais, além aproximadamente de outros 75 trabalhadores, para um total de quase 150 em cada cidade-setor. O questionário foi criado para suplementar os dados coletados por meio dos grupos focais através da coleta de informações em perfis de domicílios e fontes de renda dos trabalhadores; o perfil de ativos dos domicílios dos trabalhadores; informações detalhadas sobre o empreendimento ou ocupação dos trabalhadores; e elos entre a economia informal e a economia formal. Os questionários foram aplicados usando uma ferramenta de captura de dados. Cada participante levou cerca de 90 minutos para responder o questionário.

De forma coletiva, os grupos focais e questionários fornecem dados sobre o contexto no qual os trabalhadores informais ganham suas vidas e as forças que afetam – positiva e negativamente – as rendas e condições profissionais dos trabalhadores. Também conseguimos compreender como os trabalhadores adaptam suas estratégias de trabalho em relação a essas forças econômicas, sociais e institucionais.

Por um lado, a abordagem de amostragem foi criada para manter a possibilidade de comparar os resultados nas 13 cidades-setores; e, por outro, para permitir certa flexibilidade exigida pelas circunstâncias locais. Tanto quanto possível, os seguintes princípios foram seguidos em cada cidade-setor:

² A metodologia foi desenvolvida em colaboração com Caroline Moser, Angélica Acosta e Irene Vance, que também treinaram as equipes das cidades nos métodos de coleta de dados e, posteriormente, na análise de dados. A PIEA é uma adaptação de metodologias participativas anteriores desenvolvidas por Chambers (1994), Moser e Holland (1997), Moser e McIlwaine (1999, 2004), e Moser, Acosta e Vasquez (2006).

- Apenas membros de OB's foram incluídos na amostra.³
- Cada amostra de setor baseou-se em duas variáveis, demonstradas a seguir, quando possível:

Tabela 2 - Resumo dos Participantes do Estudo				
Setor	Variável de Amostragem 1		Variável de Amostragem 2	
Trabalho Domiciliar	Situação Trabalhista		Categoria de Produto	
	Auto empregado	Terceirizado	Categoria 1	Categoria 2
Venda Ambulante	Sexo		Local de Trabalho	
	Mulheres	Homens	Centro	Periferia
Coleta de Materiais Recicláveis	Sexo		Fonte de Materiais	
	Mulheres	Homens	Fixa	Variável

Fonte: Estrutura Metodológica do EMEI

- Cada equipe de cidade desenvolveu a “melhor amostra possível”, com base nas variáveis de amostragem definidas acima. “Melhor” foi definida como (a) a amostra mais representativa possível dos membros de OB's, e (b) a amostra mais sensata, prática e localmente adequada possível. Em cidades nas quais a OB parceira mantém um registro atualizado de membros com dados sobre as variáveis de amostragem, por exemplo, foi possível desenvolver uma amostra aleatória estratificada que foi estatisticamente representativa da população de OB's nas variáveis de amostragem; em cidades sem registros precisos, a equipe da cidade usou uma abordagem de amostragem de cotas. Em cada cidade, os pesquisadores locais trabalharam com a OB para identificar a melhor amostra possível, com base nas circunstâncias locais.
- A segunda variável de amostragem – categoria de produto para trabalhadores domiciliares, local de trabalho para vendedores ambulantes e fonte de materiais para catadores – foi criada para que haja uma correlação com um grau de vulnerabilidade criado pelas circunstâncias específicas do setor. No setor de comércio ambulante, por exemplo, os vendedores que trabalham no centro da cidade costumam ser mais vulneráveis a despejos do que aqueles que trabalham na periferia. Cada equipe de cidade identificou a melhor maneira de operacionalizar essa variável de acordo com as circunstâncias locais.

O desenho da amostragem foi implantado da seguinte maneira em Belo Horizonte:

Considerando o setor de reciclagem de Belo Horizonte, as duas variáveis usadas para desenhar a amostra do EMEI foram (1) gênero e (2) origem do material. A segunda divide-se em duas categorias: catadores de rua e atividades internas, que inclui triadores e aqueles que trabalham em atividades operacionais, funções administrativas, representação política, trabalhadores do restaurante da Asmare (Reciclo), e artesãos/ artesãs, etc. A decisão de usar essas variáveis foi justificada devido às diferenças na dinâmica de trabalho, receita e o impacto que as forças motrizes teriam sobre cada uma das categorias atingidas pelas variáveis.

A pesquisa foi realizada com os catadores⁴ de cinco OB's: **Asmare, Associrecycle, Coopersoli Barreiro, Coopersol Leste e Comarp**. As razões para escolher essas cooperativas e uma breve descrição de cada uma serão apresentadas.

Para alguns grupos focais mistos, consideramos a categoria “catadores de rua” ao mencionar os membros das cooperativas Asmare e Associrecycle que usam seus próprios carrinhos ou veículos motorizados, além de membros das cooperativas Coopersoli Barreiro, Coopersol Leste e Comarp que tomam um veículo emprestado para coletar materiais em grandes geradores.

³ Substancialmente, ser “membro” de uma OB significa coisas diferentes em diferentes cidades. Em algumas cidades, significa ser formalmente inscrito, por exemplo, enquanto em outras isso implica em uma afiliação menos “rígida”.

⁴ Os catadores do Brasil são trabalhadores que coletam apenas materiais recicláveis, e não resíduos domésticos. Eles também são chamados de catadores de materiais recicláveis. Essa ocupação é reconhecida como profissão na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). A descrição dessa função inclui: alguém que colete recicláveis em ruas ou em locais de descarte, trabalhe como triador de resíduos e/ou outras atividades relacionadas, em cooperativas ou estabelecimentos que vendem materiais á utilizados. No caso de Belo Horizonte, nenhuma atividade de coleta de resíduos ocorre em aterros sanitários.

Quinze grupos focais envolvendo 73 catadores foram realizados em Belo Horizonte entre junho e setembro de 2012. Cinco grupos focais foram compostos somente por mulheres, cinco somente por homens e cinco foram mistos. Como destacado acima, os participantes foram selecionados com base no gênero e na atividade profissional, que é dividida da seguinte maneira: (1) atividades internas no galpão, incluindo a separação, atividades operacionais, tarefas administrativas, artesanato ou (2) a coleta nas ruas: seis catadoras, 34 mulheres trabalhando em atividades internas, 18 homens trabalhando em atividades internas e 15 catadores participaram. Os grupos focais ocorreram dentro dos galpões de triagem e não levaram mais de duas horas. Além disso, quatro entrevistas com informantes-chaves foram realizadas com autoridades da prefeitura/governo do estado, um representante da ONG INSEA e um representante do movimento dos catadores como forma de explorar ainda mais as questões e preocupações levantadas pelo estudo.

O questionário foi realizado com um universo de 150 trabalhadores informais das cooperativas que participaram do estudo. Desse universo, 73 participaram dos grupos focais e 77 participaram apenas do questionário. Abaixo se encontra uma distribuição dos participantes de acordo com as duas variáveis da amostra:

Tabela 3 - Distribuição dos Participantes na Pesquisa Quantitativa do EMEI							
Setor de Recicláveis	Gênero			Gênero e fonte de materiais ou rendimentos			
	Total Mulheres	Total Homens	Total Geral	Mulheres Catadoras	Mulheres Atividade Interna	Homens Atividade Interna	Homens Catadores
Asmare	126	54	180	12	114	41	13
Associrecycle	7	6	13	0	7	2	4
Comarp	27	9	36	0	27	7	2
Coopesol	36	9	45	0	36	7	2
Coopersoli	35	7	42	2	33	5	2
Total	231	85	316	14	217	62	23
PERCENTUAL	73,10	26,90	100,00	4,43	68,67	19,62	7,28

Fonte: Plano de Amostragem do EMEI de Belo Horizonte (2012)

Resumo da Cidade e Setor

Belo Horizonte é a capital e a maior cidade do estado de Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil. A população da cidade é de cerca de 2.400.000 habitantes (IBGE, Censo, 2010).

A reciclagem tornou-se um meio de lidar com o crescente desemprego de Belo Horizonte durante o final da década de 1990. A partir daí, vários esforços e compromissos foram feitos para consolidar as cooperativas e associações de catadores na cidade.

A primeira cooperativa de catadores da cidade foi fundada em 1990. A prefeitura desempenhou um papel importante auxiliando os catadores a organizarem-se, e várias atividades essenciais ajudaram a fortalecer os laços entre os catadores e a prefeitura. Além disso, a relação representou uma sensibilidade crescente às demandas dos catadores (Dias 2011b).⁵ Alguns desses eventos importantes incluem: (1) as primeiras leis que estimularam a integração de organizações de base em 1993; (2) a fundação da Asmare em 1990 e sua parceria com o programa reciclagem municipal em 1993; (3) o estabelecimento de contêineres de reciclagem em áreas públicas, conscientizando a população acerca da necessidade de reciclar; (4) o fato de que os catadores receberam permissão para coletar recicláveis no comércio e prédios de escritórios no centro de Belo Horizonte usando seus carrinhos; (5) o aumento das campanhas de mobilização e educação ambiental para mudar as visões negativas da população com relação aos catadores; (6) o aluguel, pelo município, de galpões e outros locais para uso pelos catadores organizados; (7) os cursos de qualificação oferecidos aos catadores, cobrindo tópicos como segurança no trânsito, reciclagem e outras questões ambientais, recursos humanos

⁵ Deve-se observar que isso ocorreu, principalmente, a partir de 1993, durante a administração do PT na prefeitura (para mais informações, consultar Dias 2011).

e alfabetização; (8) a criação do Fórum Municipal Lixo e Cidadania em 2003 como um meio de discussão entre os catadores, o governo local e ONG's envolvidas; e (9) a expansão dos programas municipais de reciclagem (Dias 2011b).

O sistema de reciclagem oficialmente integrado de Belo Horizonte é uma combinação de cooperativas formais e semiformais, com materiais provenientes de três locais. Primeiro, a coleta nas calçadas ocorre em parte das regiões central e sul de Belo Horizonte, onde os trabalhadores formais da cidade coletam recicláveis que então são levados aos galpões das cooperativas para triagem e venda. Segundo, um sistema de entrega inclui diversos locais, distribuídos pela cidade, com contêineres de reciclagem nos quais os cidadãos podem colocar os recicláveis separadamente neles. Em seguida, eles são coletados por caminhões municipais e levados aos galpões das cooperativas para triagem e venda. Por fim, as cooperativas coletam recicláveis de pequenas empresas, escritórios, indústrias e escritórios do governo com carrinhos ou veículos. Esses recicláveis são levados aos galpões para triagem e venda.

É importante destacar que embora as primeiras leis encorajassem a organização dos catadores em OB's, os trabalhadores, no entanto, continuaram a enfrentar assédio e discriminação da população e das autoridades. Embora isso tenha diminuído bastante, os catadores continuam a enfrentar as dificuldades criadas pela sua marginalidade dentro da economia informal em Belo Horizonte. As descobertas da pesquisa demonstram, contudo, um pouco do reconhecimento que eles obtiveram por seu trabalho como agentes ambientais. Além disso, os dados confirmam o fortalecimento das parcerias constantes com o governo, nos níveis municipal, estadual e federal, e outras instituições.

Visão Geral do apoio de ONGs para o Estudo EMEI e OB's Participantes

Atualmente, Belo Horizonte tem cerca de 10 organizações de catadores localizadas em diferentes regiões da cidade. Para o estudo da EMEI somente cinco OB's foram selecionadas para participar, usando os seguintes critérios: (1) tempo de experiência como organização de base; (2) o número de membros; (3) a relação com a ONG INSEA. O INSEA é uma organização não governamental sem fins lucrativos fundada em 2001. Ela oferece assistência técnica para o desenvolvimento de modelos ecológicos de gestão de resíduos.⁶ Além disso, o INSEA trabalha com o intuito de proteger e melhorar o meio ambiente e as condições da comunidade. O principal foco recai sobre a inclusão produtiva dos catadores e moradores de rua, de modo que tais grupos possam ser reconhecidos por seu papel como agentes do governo e trabalhadores municipais. Durante este estudo, o INSEA foi um elo essencial e deu apoio para a equipe de pesquisadores na cidade.

As OB's participantes desta pesquisa oferecem diferentes perspectivas acerca de algumas das mudanças históricas que afetam seu trabalho e suas vidas. Além disso, elas também fornecem detalhes adicionais sobre as dificuldades enfrentadas e avanços feitos nesse setor informal. Todas as cinco OB's de Belo Horizonte recebem materiais coletados pelo programa de reciclagem da SLU. Também é importante observar que as contas de água e eletricidade da Asmare, Comarp, Coopersoli Barreiro e Coopersol Leste são financiadas pela SLU. Abaixo está uma caracterização geral das cinco cooperativas.

- A **Asmare** opera em dois galpões de reciclagem. Um é da própria Asmare, enquanto o outro é alugado pela SLU de um proprietário particular. Ambos estão localizados na região do centro, centro-sul da cidade. A Asmare também recebe subsídios mensais da SLU para despesas administrativas e operacionais de seu galpão.
- A **Associrecycle** opera em um galpão na região central que é propriedade de um intermediário, o Comércio de Resíduos Bandeirantes (CRB). Os membros da Associrecycle eram parte da Asmare, mas decidiram formar sua própria cooperativa em 2004. Ela é composta principalmente por duas famílias.
- A **Comarp** opera em dois galpões de reciclagem na região da Pampulha, próximos à Universidade Federal de Minas Gerais. Um é um prédio público cedido pela prefeitura sem qualquer custo, enquanto o outro é alugado pela SLU.⁷

⁶ Para mais informações sobre o INSEA, acesse www.insea.org.br.

⁷ Não foi possível obter as informações sobre os proprietários de quem a prefeitura aluga esses galpões. A suposição geral é que os galpões provavelmente pertencem a um proprietário particular.

- A **Coopersoli Barreiro** opera em um galpão de reciclagem cedido pela prefeitura sem custos por 10 anos, localizado na região sudoeste da cidade. Ele fica a cerca de 15 km do centro de Belo Horizonte, próximo a diversas fábricas.
- A **Coopersol Leste** opera em um galpão de reciclagem construído pela SLU especialmente para fins de reciclagem. O design desse galpão teve como objetivo criar um layout mais moderno. Ele está localizado na região leste da cidade, próximo ao Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR).
- A **Comarp**, **Coopersoli Barreiro** e **Coopersol Leste** foram estabelecidas através de programas da SLU, que forneceu incentivos para geração de renda e emprego e também estimulou o estabelecimento de cooperativas econômicas solidárias.

Tabela 4 - Descrição Resumida das OB's que Participam do EMEI				
GRUPO	FUNDAÇÃO	ATIVIDADE PRINCIPAL	ESTIMATIVA DE MEMBROS	NOTAS
Asmare	1990	Coleta e triagem de recicláveis; processamento de plásticos	Total: 180 126 - mulheres 54 - homens	Pertence a uma rede de cooperativas - Cataunidos (comercialização de plásticos)
Associrecycle	2001	Coleta e triagem	Total: 13 7 - mulheres 6 - homens	Pertence a uma rede de cooperativas - Redesol
Comarp	2004	Coleta e triagem	Total: 36 27 - mulheres 9 - homens	Foi uma das três cooperativas que formaram a Redesol
Coopersoli Barreiro	2003	Coleta e triagem	Total: 42 35 - mulheres 7 - homens	Pertence a uma rede de cooperativas - Redesol
Coopersol Leste	2003	Coleta e triagem de recicláveis e produção de papel reciclado	Total: 45 36 - mulheres 9 - homens	Pertence a uma rede de cooperativas - Redesol

Fonte: Dias 2011a; Plano de Amostragem do EMEI de Belo Horizonte (2012)

Além disso, vale mencionar que as cooperativas estão associadas a duas redes diferentes de organizações de catadores:

- a) Cataunidos: composta de 24 associações e cooperativas, embora a única localizada em Belo Horizonte seja a Asmare.
- b) Redesol: formada por 11 associações e cooperativas, sete em Belo Horizonte, quatro incluídas em nossa pesquisa.

Ambas apoiam a venda conjunta de recicláveis e/ou o semiprocessamento de materiais como um modo de subir um degrau na cadeia de reciclagem (Dias 2011b).

Parte 1: Características de Trabalhadores, Domicílios e Empreendimentos/Setor

Esta seção apresenta dados acerca das características gerais do setor de coleta de materiais recicláveis de Belo Horizonte, com foco específico sobre o perfil dos trabalhadores, seus domicílios e os galpões nos quais o trabalho é realizado.

1.1 Características de Trabalhadores Individuais e Domicílio

Dos 149 trabalhadores entrevistados para o estudo, 100 são mulheres e 49 são homens. Em Belo Horizonte, as cooperativas de catadores de materiais recicláveis são compostas principalmente por mulheres. Isso é diferente dos números que representam o setor em geral no Brasil, que é composto de 67% de homens e 33% de mulheres (Dias 2011). Embora as mulheres não representem a maioria dos trabalhadores do setor no Brasil, elas têm uma maior probabilidade de pertencer a cooperativas e associações,⁸ o que ajuda a explicar o maior número de mulheres participando da amostra do EMEI. A tabela 5 apresenta algumas características gerais dos domicílios dos participantes dessa amostra.

Tabela 5 - Características Básicas do Domicílio, Por sexo			
	Homens	Mulheres	Total
Tamanho do domicílio	3.63	4.44	4.17
Taxa de dependência do domicílio	0.74	0.59	0.64
Porcentagem com:			
Outros trabalhadores no domicílio	51.06	75.00	67.11
Outros trabalhadores informais no domicílio	44.68	46.00	45.64
Outros trabalhadores formais no domicílio	29.79	49.00	42.95
N	49	100	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

Os dados mostram que as mulheres tendem a listar outros trabalhadores no domicílio com mais frequência do que os homens. Isso significa que para esta pesquisa, as famílias de trabalhadores informais homens mais frequentemente dependem da renda obtida por esses homens. Ao ver as respostas das trabalhadoras, a maioria delas (75%) relatou ter mais de uma pessoa trabalhando e dividindo as despesas domésticas. De forma semelhante, a taxa de dependência da amostra masculina é maior do que a feminina. Por um lado, as famílias com trabalhadores homens tendem a depender do trabalho do homem para manter o domicílio. Por outro lado, organizações familiares que dependem de trabalhadoras costumam ter ambos os membros do casal trabalhando. Assim, essas descobertas parecem demonstrar um padrão que reforça organizações familiares patriarcais, já que as mulheres tendem a depender mais do trabalho de seus parceiros do que os homens.

8 As mulheres compõem 56% dos membros de cooperativas e associações no Brasil (DIAS, 2011).

Tabela 6 - Nível de Escolaridade do Respondente, Por Sexo (%)			
	Homens	Mulheres	Total
Nenhum	4.26	11.00	8.84
Primeiro grau incompleto	59.57	56.00	57.14
Primeiro grau completo	10.64	7.00	8.16
Segundo grau incompleto	6.38	9.00	8.16
Segundo grau completo	17.02	17.00	17.01
Ensino superior incompleto	2.13	0.00	0.68
Ensino superior completo	0.00	0.00	0.00
Total	100.0	100.0	100.0
N	49	100	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

A tabela 6 mostra que os homens possuem um nível de escolaridade mais alto em comparação com as mulheres. Essa descoberta contradiz os dados acerca dos níveis de escolaridade da população brasileira⁹ e os dados que refletem o setor informal no Brasil. Primeiro, é possível detectar um nível mais alto da escolaridade feminina apenas ao comparar homens e mulheres que participaram do questionário e ensino médio incompleto. Uma razão possível para isso é que os trabalhadores com níveis de ensino mais altos tendem a buscar posições na economia formal, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011. Além disso, dados sobre o setor de coleta de resíduos demonstram que apenas 14% dos homens e 6% das mulheres estudaram. Os dados coletados no questionário do EMEI apresentam o oposto: somente 4% dos homens e 11% das mulheres não estudaram.¹⁰

Tabela 7 - Características Demográficas do Domicílio, Por Sexo			
	Homens	Mulheres	Total
Número de crianças	0.82	1.40	1.21
Número de adultos economicamente ativos	2.61	2.89	2.79
Número de pensionistas	0.11	0.11	0.11
Número de adultos que completaram o ensino médio	0.48	0.61	0.57
N	49	100	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

A tabela 7 apresenta a porcentagem de adultos que concluíram o ensino médio. Entre esses, as mulheres alegam ter mais membros de seus domicílios com um maior índice de escolaridade (0,61) do que os homens (0,48). Outro fato interessante apresentado nessa tabela é que as mulheres listaram mais crianças em seus domicílios do que os homens.

Com relação à renda familiar, a tabela 8 mostra que o trabalho informal é a principal fonte de renda dos domicílios participantes da pesquisa. A esmagadora maioria dos participantes (cerca de 66%) afirmou que sua principal fonte de renda é seu trabalho informal.¹¹ Em diversos casos, as respostas para essa pergunta referem-se ao fato de que não há uma principal renda para o domicílio. Em vez disso, as despesas são divididas entre os familiares. Nessas situações, alguns respondentes decidiram responder que seu próprio trabalho era a principal fonte de renda, além daquela dos outros membros da família. Alguns participantes, contudo, selecionaram a alternativa “outras”. Assim, as respostas encontradas nessa categoria refletem esse tipo de disposição familiar.

⁹ Em média, as mulheres concluem 7,5 anos de estudo, o que, aproximadamente, corresponde à conclusão do ensino fundamental no Brasil (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2011).

¹⁰ Nenhum dos participantes concluiu o ensino superior.

¹¹ Outros tipos de fontes de renda foram mencionadas no questionário, mas apenas aqueles apresentados na tabela 8 foram citados pelos participantes.

Tabela 8 - Principal Fonte de Renda Familiar, por Sexo			
	Homens	Mulheres	Total
O seu próprio negócio informal/empresa/trabalho	78.72	60.00	65.99
Ganhos com trabalho informal de outros moradores do domicílio	10.64	10.00	10.20
O emprego assalariado formal (entrevistado) no setor público	0.00	2.00	1.36
O emprego assalariado formal (entrevistado) em empresa privada	0.00	3.00	2.04
O emprego assalariado formal (outros membros da família) em empresa privada	2.13	5.00	4.08
Assistência social/Pensão/ Outros benefícios	2.13	15.00	10.88
Outro	6.38	5.00	5.44
Total	100.0	100.0	100.0
N	49	100	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

Por outro lado, é importante observar que as descobertas da tabela 8 também revelam que as mulheres, em geral, tiveram uma frequência menor na resposta de que sua principal fonte de renda é seu próprio trabalho. Além disso, 35% das mulheres relataram que a principal fonte de renda era o trabalho realizado por outros membros de seus domicílios, enquanto isso se aplicou a apenas 15% dos participantes homens. Como já mencionado, esses dados afirmam a prevalência de estruturas familiares patriarcais, nas quais os homens são os principais provedores.

É interessante destacar que 15% das mulheres entrevistadas listaram algum tipo de benefício social, como a aposentadoria, como a principal fonte de renda domiciliar. Considerando as características da amostra analisada neste estudo (um grande número de mulheres que eram as chefas de suas famílias), essa descoberta pode indicar a dependência, por parte das mulheres, de programas governamentais de proteção social, principalmente o Programa Bolsa Família.¹² As mulheres são as principais titulares desse benefício e várias das catadoras mulheres entrevistadas afirmaram que recebem ou já receberam o benefício. É possível afirmar que uma quantidade significativa das mulheres entrevistadas que selecionaram essa resposta recebem o benefício do Programa Bolsa Família, fazendo dela sua principal fonte de renda. Interessante é observar que esse benefício foi mencionado nas descobertas quantitativas e qualitativas, e foi considerado bastante positivo. Em dois grupos focais, um misto e um composto somente por mulheres,¹³ as mulheres participantes destacaram como o benefício ajuda-as a complementar sua receita. No entanto, a discussão sobre esse benefício surgiu mais nas descobertas quantitativas, devido à maior ênfase nas questões relacionadas à renda familiar. O que é possível deduzir dessa descoberta é que o programa de transferência de renda é uma fonte de receita fixa para esses trabalhadores. Assim, trata-se de um benefício essencial, especialmente durante períodos em que a renda dos catadores, derivada apenas das atividades de coleta de materiais, tende a diminuir.

Na tabela 9, é possível observar que há um maior número de mulheres beneficiárias de pensões alimentícias para manutenção de seus filhos. Como mencionado acima, a alta porcentagem de mulheres que escolheu a opção “Assistência social/Pensão/Outros benefícios” como principal fonte de renda pode ser resultado do número de mulheres que recebem o Bolsa Família ou pensões alimentícias. Quase 30% dos domicílios dependem do apoio de programas do governo.

¹² O Bolsa Família é um programa familiar de transferência condicional de dinheiro para complementar a renda de famílias pobres e reduzir os níveis de pobreza e desigualdade em todo o país. As primeiras iniciativas com programas de transferência condicional de fundos começaram em 1995 no nível sub-nacional até realmente serem implementados em 2003. O direito ao benefício é dado a famílias com renda per capita abaixo de R\$ 70. O valor do benefício depende de algumas variáveis, como renda per capita e o número de filhos da família (valores diferentes são oferecidos a famílias com adolescentes). É possível consultar todos os fatores que influenciam o valor do benefício em <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Para outras informações sobre a implementação e impactos do Bolsa Família, consulte Soares 2012.

¹³ É necessário observar que o benefício foi mencionado em dois grupos focais realizados na Asmare. Consultar Relatórios de Grupos Focais N.º 1 e N.º 14.

Tabela 9 - Acesso a outros tipos de renda do domicílio, por sexo (%)			
	Homens	Mulheres	Total
Dinheiro na forma de uma concessão/subvenção/ bolsa do governo	16.33	35.00	28.86
Seguro desemprego	6.12	8.00	7.38
Indenização trabalhista	2.04	2.00	2.01
Renda de aluguel	2.04	1.00	1.34
Pensão do pai/mãe da criança	2.04	12.00	8.72
Remessas	4.08	3.00	3.36
Aposentadoria	12.24	18.00	16.11
Outro	6.38	5.00	5.44
Total	100.0	100.0	100.0
N	49	100	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

Entre outros tipos de renda familiar, a tabela também apresenta um alto número de aposentadorias. Em diversos casos, os trabalhadores, que se aposentaram do mercado formal, migram para o mercado informal como uma forma de garantir uma renda maior para seus domicílios.

1.2 Características de Empresas Individuais

A tabela 10 mostra que, com exceção de 4% dos recicladores, os trabalhadores selecionaram a alternativa “membro de cooperativa” ou “diarista casual” como aquela que melhor define sua situação de trabalho.¹⁴

Tabela 10 - Status no emprego, por sexo (%)			
	Homens	Mulheres	Total
Empregador	4.08	1.34	1.34
Membro de cooperativa de produtores ou de trabalhadores	95.92	100.00	98.66
Total	100.0	100.0	100.0
N	49	100	149

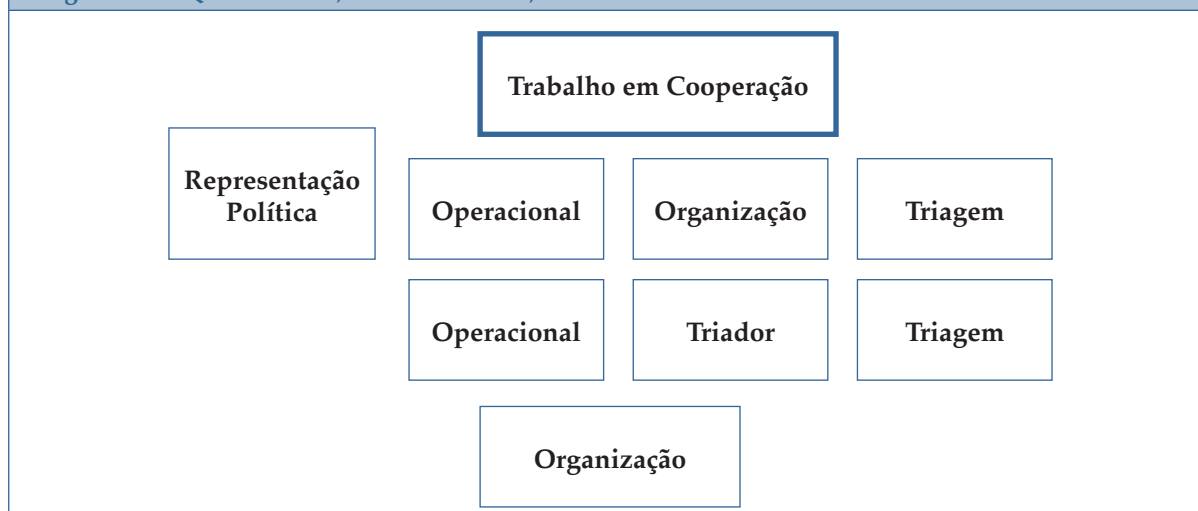
Fonte: Pesquisa quantitativa.

Dentro das cooperativas, as atividades realizadas pelos trabalhadores são ilustradas na figura abaixo. As atividades foram descritas pelos trabalhadores na primeira ferramenta do grupo focal,¹⁵ que é considerada como uma atividade para quebrar o gelo entre o facilitador e o grupo. Os catadores discutiram as principais atividades que realizam no galpão e, em seguida, agruparam atividades semelhantes sob uma única categoria. Além das atividades realizadas nos galpões, os trabalhadores também mencionaram responsabilidades importantes fora deles. Entre elas, representação política e discussões com autoridades e possíveis parceiros na cidade.

¹⁴ Categorias como trabalhador auto empregado, diarista casual e trabalhador externo da indústria não foram mencionados pelos catadores de Belo Horizonte.

¹⁵ Para o EMEL, a metodologia qualitativa adaptou um método de gestão e planejamento de projetos, que estimula o planejamento e a análise participativas. A ferramenta foi usada para explorar, junto aos participantes, a natureza de suas ocupações e os problemas que enfrentam

Diagrama 1 - Quebra-Gelo, Belo Horizonte, Brasil



Fonte: GF N.º 2 com cinco catadoras, realizado em 20 de setembro de 2012.

Essencialmente, é possível identificar **cinco atividades específicas** nas cooperativas e associações de Belo Horizonte. Primeiro, os trabalhadores podem ser (1) **catadores de rua**, que coletam recicláveis de resíduos misturados descartados em sacos de lixo colocados nas ruas. Alguns catadores de rua possuem acordos com prédios comerciais e/ou de escritórios e podem ter acesso a material previamente separado. Os trabalhadores também podem ser (2) **triadores**, que selecionam e separam recicláveis por tipo nas bancadas ou em outros dispositivos nos galpões.

Além disso, eles podem estar envolvidos em (3) **atividades operacionais**, que incluem o trabalho nos galpões, como pesagem, prensagem de materiais, enfardamento, trituração de papéis, condução de veículos, manutenção do galpão e carregamento de materiais. Alguns catadores comentaram que parte do trabalho é a divisão das tarefas de limpeza. De acordo com um jovem catador, embora ele “trabalhe como motorista (para a cooperativa), tudo é um processo e uma (atividade) depende da outra” (GF N.º 8). Por fim, as catadoras de um grupo reforçaram essa ideia com a seguinte observação: “Eles fazem uma coisa e nós fazemos outra. Isso é cooperação, isso é solidariedade” (GF N.º 5). Outra mulher afirmou que todos “fazem um pouco de tudo” (GF N.º 1).

Uma quarta atividade inclui (4) **tarefas de coordenação, administrativas e organizacionais**. Alguns catadores também podem treinar seus colegas. Essas atividades são consideradas muito importantes, já que aqueles que trabalham na administração podem, em alguns casos, delegar as tarefas do dia para todos os trabalhadores (GF N.º 5).

Como observado na figura acima, a quinta atividade identificada entre os catadores é a (5) **representação política**. Ela envolve uma participação mais próxima nas atividades do movimento nacional de catadores, além de relações e negociações externas com autoridades públicas, nos níveis local, estadual e federal, e outros participantes da cadeia de valores. Por fim, alguns catadores também são **artesãos/artesãs** em oficinas nas quais as atividades incluem carpintaria, reciclagem de papel e produção de artesanatos.¹⁶

A maioria dos grupos focais destacou que mesmo com uma divisão de tarefas nas cooperativas, todas estão “cooperando umas com as outras” (GF N.º 3). Entre as cinco atividades descritas acima, as mulheres compõem a grande maioria dos triadores entrevistados nas cinco cooperativas. Isso corrobora o estudo de Oliveira e Lima (2012) de três associações em Minas Gerais, que descobriu que as mulheres não apenas compõem mais de 50% dos trabalhadores de associações, mas também são a maioria que atua na triagem.

Dados do questionário complementaram as descobertas do grupo focal com relação aos ganhos e horas de trabalho dos catadores. Enquanto as descobertas do grupo focal foram capazes de capturar as diferentes atividades e a possível divisão sexual da mão de obra, os dados do questionário

¹⁶ É importante observar que esses artesãos/artesãs apareceram somente durante os grupos focais realizados na ASMARE, especificamente no galpões da Rua Ituiutaba. Dos 43 trabalhadores que participaram do grupo focal, três são artesãos/artesãs (duas mulheres e um homem).

forneceram informações sobre as diferentes características ao comparar (1) catadores e catadoras e (2) triadores e catadores de rua.

Os dados da pesquisa descobriram que receita média mensal de triadores é de cerca de R\$ 768, enquanto esse valor entre os catadores de rua é de cerca de R\$ 869. Os catadores, independente do gênero, têm valores de movimento mais altos do que os triadores. (Ver caixa de texto “Ganhos vs. Receita” para uma discussão da terminologia.)

Ganhos vs. Receita

Os dados aqui apresentados foram gerados usando uma questão criada para capturar **receita** (*em inglês, “turnover”*) – ou seja, o valor total de vendas. Eles **não** levam em consideração o custo de venda (abertura de estoque e compras de estoque posteriores) ou outras despesas incorridas na geração das vendas, como transporte, armazenamento e taxas. A literatura sobre receita estabelece claramente que é muito difícil capturar distinções entre receita, ganhos brutos e ganhos líquidos de maneira confiável. Assim como ocorre com estudos semelhantes, esses dados não devem ser tirados de contexto e devem ser interpretados com cuidado.

Dados sobre a receita de todas as cidades incluídas no estudo IEMS mostraram desvio padrão muito alto e médias que excedem bastante as medianas. As médias (e não as medianas) para a receita são apresentadas nos relatórios da cidade do IEMS.

Os dados do EMEI indicam que as mulheres dessa amostra têm uma receita mais alta em comparação com o que sabemos de outras mulheres do mercado informal, enquanto os homens de nossa amostra de catadores de resíduos têm uma receita mais baixa do que outros homens com empregos informais. Assim, para a amostra deste estudo, é possível afirmar que trabalhar na coleta de resíduos oferece vantagens para as mulheres em Belo Horizonte, que outros empregos informais não proporcionam, mas o mesmo não vale para os homens.

Tabela 11 - Receita média e jornada de trabalho, por sexo e lugar de trabalho

	Galpão de reciclagem		Outro	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Receita média mensal	776.45	760.50	950.89	787.50
Jornada média por semana (última semana)	42.73	40.95	46.36	42.50
Quantidade média de horas comuns por semana	18.15	19.87	13.86	24.00
Quantidade média de meses por ano	10.21	10.95	11.60	10.25
N	19	88	30	12

Fonte: Pesquisa quantitativa.

Os catadores de rua, que coletam materiais com seus carrinhos, afirmam que sua renda é maior do que a dos que trabalham nos galpões. E os catadores que coletam materiais de grandes geradores ou doadores também costumam ter uma renda mais alta do que outros trabalhadores. Uma razão é que os triadores que trabalham dentro das cooperativas dependem dos materiais doados ou que recebem do programa de coleta seletiva da prefeitura. Os materiais recebidos dos sistemas de entrega e do programa de coleta seletiva da prefeitura costumam estar misturados com materiais rejeitados, que reduzem o valor potencial que pode ser obtido desses materiais.

Também vale mencionar que, em determinados períodos do ano,¹⁷ pode haver uma redução no material originado do programa de coleta seletiva municipal ou mesmo um declínio das doações. Quando ocorre uma redução na quantidade de material nos galpões, os trabalhadores buscam novos locais para fazer a coleta. A maioria dos trabalhadores está na região do centro, devido à grande produção de materiais desse local.

¹⁷ Durante a aplicação dos questionários, alguns catadores afirmaram que há meses em que percebem uma diminuição na quantidade de materiais. De acordo com os catadores, geralmente há um aumento no final do ano, principalmente de outubro a dezembro.

Com relação à estabilidade profissional, os homens que trabalham nos galpões relataram mais quedas em sua renda mensal do que os catadores de rua. O inverso ocorre com as triadoras e catadoras de rua, como pode ser visto na tabela 12. As diferenças entre homens e mulheres também variam de acordo com o local das atividades. Dentro dos galpões, a porcentagem de homens que alegam que sua renda caiu no último ano foi um pouco mais alta do que a de mulheres. A diferença entre as quedas de renda relatadas por catadores e catadoras de rua é muito maior. As catadoras de rua alegaram que sua receita caiu duas vezes mais do que a de suas contrapartes masculinas.

Tabela 12 - Número de auxiliares remunerados ou não-remunerados, por sexo e lugar de trabalho (%)				
	Galpão de reciclagem		Outro	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	Última semana			
Porcentagem com:				
Familiares não remunerados	0.00	4.55	0.00	0.00
Não remunerados (que não sejam familiares)	5.26	0.00	0.00	0.00
Remunerados	0.00	1.14	6.67	8.33
	Na época mais movimentada durante os últimos 12 meses			
Porcentagem com:				
Familiares não remunerados	5.26	1.14	0.00	0.00
Remunerados	5.26	0.00	0.00	0.00
N	19	88	30	12

Fonte: Pesquisa quantitativa.

Contudo, quando perguntados se sentiam que haviam coletado no último ano mais, menos ou a mesma quantidade que no ano passado, poucos trabalhadores (12%) afirmaram que estavam coletando menos do que no ano passado. O mesmo pode ser dito sobre os preços, acesso a resíduos e aumento do número de trabalhadores: a maioria dos participantes respondeu que estavam em melhor situação no ano passado (mais de 40% em todos os casos). Outra grande quantidade afirmou que a quantidade era a mesma (uma média de 27%).

As percepções capturadas com essa metodologia tendem a refletir uma perspectiva mais positiva da situação econômica dos catadores. E essas percepções diferem das opiniões dadas durante os grupos focais, que refletiram uma perspectiva mais negativa da situação econômica dos catadores, com ênfase específica em problemas relacionados aos baixos preços dos materiais.

1.3 Características do Setor/Cadeia de Valor

As informações desta seção estão relacionadas a: os tipos de atividades realizadas pelos catadores; a fonte dos materiais coletados; o tipo, preço e qualidade dos materiais; as dificuldades encontradas para vender alguns materiais; e outras características gerais da cadeia de reciclagem em Belo Horizonte.

A distribuição das atividades dos catadores é mostrada na Tabela 13. “Triagem em um galpão de reciclagem” é a principal atividade (cerca de 72), seguida por “coleta em no comércio”. Como mencionado acima, a maioria dos trabalhadores de Belo Horizonte trabalha em galpões fazendo a triagem de materiais derivados de resíduos separados na fonte ou doados por grandes geradores, o que explica a alta porcentagem de trabalhadores em tal atividade (cerca de 33). A terceira atividade principal relatada entre os participantes foi “coleta de rua”. Em Belo Horizonte, poucos trabalhadores fazem a coleta em residências.

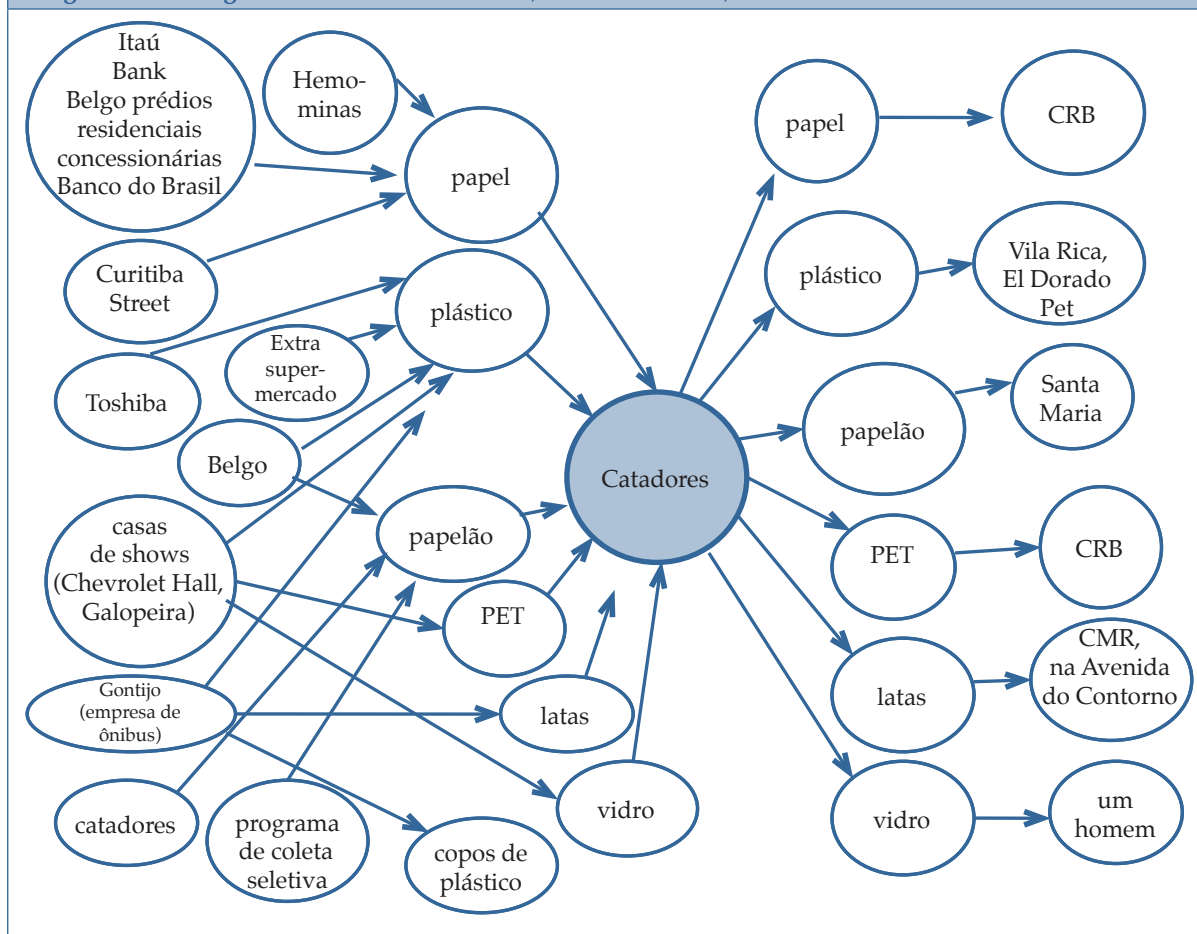
Tabela 13 - Tipos de Atividades de Coleta de Materiais Recicláveis, por Local de Trabalho*

	Galpão de reciclagem	Outro	Total
Coletando nas ruas	13.08	11.90	12.75
Coletando diretamente na casa de pessoas	0.93	2.38	1.34
Coletando de um lixão	1.87	0.00	1.34
Coletando de empresas	33.64	31.71	33.11
Triagem em galpão de reciclagem	100.00	0.00	71.81
N	107	42	149

Fonte: Pesquisa quantitativa.

*Dois triadores de uma cooperativa responderam que ainda fazem coleta em um aterro em outra cidade próxima a Belo Horizonte.

Diagrama 2 - Diagrama de Elos Econômicos, Belo Horizonte, Brasil



Fonte: GF N.º 1 com cinco mulheres, 25 de julho de 2012.

O diagrama acima destaca os materiais manuseados pelos catadores, de onde esses materiais vêm, quais materiais eles vendem e quais materiais são vendidos (ou seja, os principais intermediários). Essa ferramenta foi usada no grupo focal para avaliar a dinâmica da cadeia de valor. As informações acrescentam detalhes às descobertas do questionário mencionadas na tabela 13. Os materiais vêm, basicamente, de três fontes: (1) sistema de coleta seletiva da SLU, (2) coleta manual com carrinhos nas ruas, e (3) grandes geradores. Além disso, o diagrama revela as grandes ligações que os catadores têm com três agentes principais da dinâmica da cadeia de valores. (1) a SLU, (2) grandes geradores, e (3) intermediários.

Os trabalhadores recebem, coletam e vendem os seguintes materiais: papel, plástico, plástico PET, latas de alumínio, vidro e eletrônicos, que são desmontados. As latas de alumínio vêm de bares e casas de shows, como o Chevrolet Hall (GF N.º 1, N.º 14). Alguns eletrônicos são doados pela comunidade e outros são recebidos de geradores (GF N.º 14). Ainda com relação aos eletrônicos, uma catadora declarou que algumas vezes eles levam os objetos úteis para casa, como “computadores, geladeiras e outros aparelhos” (GF N.º 14). Ela relatou, com grande satisfação, que sua “geladeira veio daqui (da cooperativa)” (GF N.º 14). As doações feitas no galpão pela comunidade incluem todos os tipos de materiais, até mesmo vidro. Duas das cinco cooperativas entrevistadas possuem um triador no shopping center de seu bairro. Um catador explicou esse processo relatando que dois trabalhadores do shopping “prensam” o material, principalmente papel. Em seguida, ele é vendida à CRB, que coleta os materiais (GF N.º 11).¹⁸

Os participantes mencionaram dificuldades na venda de alguns materiais devido ao seu preço. Nesses casos, as cooperativas têm de encontrar a melhor oferta disponível. Um motorista de uma das cooperativas mencionou que vidro “é ruim (de vender) no mercado”, mas eles continuam a recebê-lo principalmente graças a doações (GF N.º 12). Uma mulher afirmou que o papel vende “por mais dinheiro” (GF N.º 13). Em um grupo focal, o plástico foi mencionado quando um motorista disse que “o preço do plástico da CRB não é bom”, de modo que é quando há concorrência (GF N.º 12). Uma catadora também mencionou que a venda de metal pode ser difícil porque, quando chega ao galpão, “alguém pega por ser mais caro” (GF N.º 1).

Há um consenso de que o vidro é difícil de vender e cria problemas para a triagem no galpão. Em uma cooperativa, as catadoras afirmaram que o comprador de vidro sempre muda (GF N.º 4). Outra catadora afirmou que, em sua cooperativa, um comprador vem e seleciona quais itens de vidro quer (GF N.º 3). Também é difícil separar o vidro, já que não há espaço suficiente no galpão (GF N.º 2). Além disso, foi destacado que o vidro é o “pior” problema para os trabalhadores do galpão, já que é bem pesado de carregar. Como mencionado por um trabalhador, “carregar vidro mata” (GF N.º 4).

Os participantes também descreveram o material que vem do programa municipal de coleta seletiva como “tendo muito lixo” e “refugos”, dando aos catadores muito “trabalho para separar” (GFs N.ºs 7, 13). “Lixo” aqui se refere ao material que não é reciclável. Apesar das referências à qualidade desse material, vários trabalhadores reconhecem a importância de manter esse relacionamento com a SLU. Uma catadora mostrou muito entusiasmo ao referir-se aos caminhões da SLU como “nosso caminhão maravilhoso” que traz materiais de “segunda a sexta-feira” (GF N.º 13).

A coleta manual geralmente vem de lojas do centro de Belo Horizonte e bancos como o Bradesco, Banco do Brasil, Itaú e Caixa Econômica Federal (GF N.º 14).

Os principais intermediários também são exibidos no diagrama acima. A CRB recebe plástico, todos os tipos de papéis, Tetrapak e plásticos PET, fazendo dela a intermediária que compra a maior parte do material (GF N.º 3). Ela foi descrita como o intermediário “mais forte” que vai às cooperativas “frequentemente” (GFs N.ºs 3,12). A Santa Maria também foi destacada por “coletar tudo” (materiais) (GF N.º 3). Outro grupo focal relacionou diversos intermediários, entre eles: CPM, CRB, Santa Maria, Pindorama, Vila Rica, Klabin - em São Paulo - e Cooplast (GF N.º 5). Um catador foi quem melhor resumiu o relacionamento com os intermediários ao dizer que as cooperativas vendem a “quem tiver o melhor preço do mercado” (GF N.º 7).

Os materiais são coletados de três maneiras: (1) pelo programa de coleta da SLU; (2) pelo próprio caminhão da cooperativa; ou (3) pelos catadores de rua, com seus carrinhos. Como já mencionado, apenas duas das cinco cooperativas entrevistadas coletam materiais manualmente com carrinhos nas

¹⁸ A CRB é uma grande intermediária de Belo Horizonte. Todas as cooperativas vendem parte de seus materiais para a CRB.

ruas. Algumas cooperativas coletam materiais em grandes geradores com seu próprio caminhão ou com um caminhão alugado.

Embora tenham sido feitos esforços para formar redes de comercialização conjunta (como no exemplo da Cataunidos e da Redesol), é possível afirmar que as cooperativas não têm conseguido vender seus produtos diretamente para as indústrias de reciclagem e, conseqüentemente, dependem de intermediários. Como observado por um catador, “coletamos aqui, deixamos lá e, em seguida, outro caminhão vem e leva tudo para o Rio, São Paulo” (GF N.º 11).

Apesar dessas limitações, os catadores enfatizam com frequência o quanto “gostam desse trabalho” (GF N.º 4). Como comentou um triador de mais idade, “(o trabalho) não é fácil, mas é bom” (GF N.º 8). No geral, os catadores destacaram que seus trabalhos são importantes porque recebem apoio de outras colegas nas cooperativas. Como apontado por um senhor de mais idade, “as amizades” feitas aqui tornam o trabalho positivo (GF N.º 9). E ele continuou, dizendo que a coleta é o único trabalho de que ele gostou, afirmando que a cooperativa “é (como) uma família” para ele (GF N.º 9). Outro catador mencionou que seu trabalho era “a mãe das oportunidades” e que os trabalhadores só precisam saber como usar as oportunidades que as cooperativas dão a eles (GF N.º 12). Essencialmente, a coleta de resíduos parece trazer uma sensação de “unidade” e “solidariedade” para vários trabalhadores (GF N.º 9).¹⁹

A partir do grupo focal e das descobertas do questionário descritas acima, fica mais claro como o setor de coleta de resíduos de Belo Horizonte é bastante dependente do programa de coleta seletiva da SLU e de intermediários privados. Com relação ao primeiro, o material vindo do programa de coleta seletiva da SLU prova ser essencial para as cooperativas. Com relação ao segundo, parece que há uns poucos intermediários que dominam a comercialização dos materiais. Além disso, os preços dos materiais oscilam de tempos em tempos, criando ainda mais instabilidade econômica para os catadores.

¹⁹ Alguns catadores comentaram que um aspecto negativo de seu trabalho é, na verdade, a falta de unidade entre os trabalhadores de uma cooperativa. Isso ilustra como os objetivos subjacentes da economia solidária parecem ser importantes para os catadores, mesmo que as tensões no local de trabalho não necessariamente preencham tais expectativas e objetivos.

Parte 2: Alterações no Setor

2.1 Forças Motrizes do Setor e Respostas

Uma das ferramentas usadas nos grupos focais foi a identificação de aspectos que auxiliam e atrapalham os catadores em seu trabalho com relação a quatro forças motrizes específicas: (1) macroeconômica; (2) políticas e práticas da prefeitura/governo; (3) dinâmica da cadeia de valor; e (4) outras forças motrizes. Após apresentar uma lista relacionada a essas forças, foi pedido a esses trabalhadores que classificassem os itens de acordo com o que consideravam ser os três aspectos que mais atrapalham e auxiliam seu trabalho. A discussão e a análise apresentadas abaixo se referem especificamente à listagem e classificação dos três primeiros aspectos negativos que atrapalham ou ajudam o trabalho dos catadores. Os três primeiros aspectos negativos foram coletados de cada um dos 15 grupos focais.

O resumo dos resultados é apresentado nesta seção, com uma tabela para cada força motriz. Para simplificar a análise, foram definidas categorias mais amplas, incluindo uma variedade de respostas semelhantes encontradas nos grupos focais. Além disso, a frequência de aspectos negativos e positivos, tal como apareceram nos grupos focais, também é apresentada abaixo.²⁰ Isso oferece uma compreensão de qual força motriz parecia ser a mais importante para os catadores. Após apresentar as tabelas relacionadas às forças negativas, apresentamos a mesma análise para as forças positivas.

Uma das descobertas surpreendentes dos 15 grupos focais foi a de que as forças motrizes macroeconômicas não aparecem como as negativas mais importantes no contexto de Belo Horizonte. Consequentemente, as forças motrizes mais negativas e importantes identificadas pelos catadores foram aquelas relacionadas a “Políticas e Práticas da Prefeitura/Governo” e “Dinâmica da Cadeia de Valor”. Algumas dificuldades relacionadas a “Outras Forças Motrizes” surgiram nos grupos focais e também serão apresentadas.

2.1.1 Políticas e Práticas Governamentais/Municipais

Nesta seção, serão discutidas tanto as forças motrizes negativas quanto as positivas derivadas de políticas e práticas da prefeitura/governo. A tabela 14 apresenta uma compilação das forças motrizes negativas mais importantes relacionadas às práticas e políticas da prefeitura/governo tal como listadas pelos catadores nos grupos focais.

Em termos de políticas e práticas municipais, a falta de espaços e infraestrutura foram a maior preocupação para os catadores. Esse problema afeta diretamente sua produtividade, já que fica difícil organizar, separar e até mesmo armazenar materiais nos galpões. Um catador afirmou, “podemos ver que eles não projetaram este galpão corretamente” (GF N.º 2). A falta de espaço também impede que os catadores consigam estocar os materiais da maneira adequada. Uma catadora chamou a atenção para o fato de que “se chove, perdem o material” (GF N.º 2). Consequentemente, uma parte do material perde sua qualidade e eles não podem vendê-lo por um preço melhor. No caso da “sucata”, um catador observou que ela deve ser vendida “mais barato aqui perto, pois não temos um lugar para guardá-la” (GF N.º 15).

²⁰ Para cada força motriz, registramos o número de vezes que um grupo afirmou que ela era listada como prioridade N.ºs 1, 2 ou 3. Na última coluna, somamos quantos grupos as incluíram em suas três principais dificuldades. Embora tenhamos considerado todos os 15 grupos focais, algumas dificuldades relacionadas a determinadas forças motrizes foram listadas mais de uma vez em um grupo focal. Em alguns casos, uma força motriz específica não foi listada nos grupos focais, o que significa que a frequência foi menor do que 15.

Tabela 14 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Negativas

Dificuldade	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Falta de remédios	0	0	1	1
Vizinhos	0	0	1	1
Incineradores	1	0		1
Segurança	2	1	0	3
Falta de Material	0	1	1	2
Falta de espaço - infraestrutura	3	4	0	7
O governo deveria pagar melhor	0	0	1	1
Falta de INSS	0	1	0	1
Não tem galpão próprio/ Galpão da CRB	0	1	0	1
Fiscalização das prefeituras com carrinhos	0	0	1	1
Total	6	8	5	19

Grupos focais N=15

Fonte: Todos os grupos focais realizados durante o EMEI

A falta de espaço em galpões também requer que os trabalhadores continuem empurrando sacos de um lugar para o outro, o que torna o processo de separação e organização mais lento, além de fazer “uma bagunça” (GF N.º 5). Além disso, os relacionamentos pessoais entre os trabalhadores podem ser afetados (GF N.º 1). Os catadores mencionaram que se tivessem uma “mesa de trabalho” ou uma “esteira transportadora”, seu trabalho seria mais fácil (GF N.º 8).

Os problemas de infraestrutura também afetam o relacionamento dos catadores com a comunidade. Em uma cooperativa, um trabalhador mencionou o fato de que “se o galpão fosse mais organizado, as pessoas não teriam medo” de entrar (GF N.º 12).

Além dos problemas acima, a falta de espaço aumenta a possibilidade de acidentes e dores no corpo. De acordo com uma jovem, após machucar-se “duas vezes” e “quase decepar seu dedo”, ela agora usa equipamento de proteção (GF N.º 2). Os trabalhadores lidam com as dores nas costas e braços tomando analgésicos que não precisam de prescrição médica. Um catador afirmou, fazendo piada, falou, “logo teremos de encontrar um hospital aqui perto” (GF N.º 13). Uma jovem catadora descreveu seu trabalho duro como “dor física e mental, você tem de correr para o caminhão entrar no galpão, tem de correr para levar os sacos pesados de um lugar para o outro” (GF N.º 2).

Os catadores tentam organizar o processo de trabalho dentro de seu galpão específico para lidar com tais problemas. É aí que a cooperação entra em cena, explicou um catador, já que eles aprendem a fazer a triagem em pares e/ou criam novos métodos de triagem de acordo com a quantidade de materiais no galpão. Além disso, eles também procuram cursos de treinamento e capacitação que podem ensiná-los mais coisas acerca do processo de produção (GF N.º 13). No geral, a falta de infraestrutura adequada leva a uma “grande perda” de tempo e energia (GF N.º 8).

Esse problema foi levantado na maioria dos grupos focais e revelou a frustração dos catadores com as condições de trabalho. Vários deles expressaram a necessidade de estabelecer um diálogo melhor com a SLU para melhorar essas condições e o layout nas cooperativas. Em alguns casos, os catadores destacaram o fato de que são eles que têm mais capacidade de resolver alguns dos problemas de layout, já que lidam com os problemas diariamente. Embora esse problema deva ser resolvido de maneira coletiva, com as autoridades municipais, os catadores acabam criando soluções entre si mesmos. No geral, esse problema ilustra a crescente preocupação em melhorar a eficiência do processo de trabalho, que traz implicações para as políticas municipais, tal como abordado mais detalhadamente na conclusão do presente relatório.

O segundo obstáculo mais mencionado é a falta de segurança nos galpões. Um galpão em particular foi arrombado diversas vezes e vários itens pessoais, além de equipamentos, foram roubados (GFs N.ºs 3, 9, 11). Isso não apenas assusta os trabalhadores, mas também o fato de não ter computadores e balanças no galpão afeta a sua produtividade. Em alguns casos, a SLU foi chamada para ajudar na construção de um portão, mas isso não impediu roubos. A polícia municipal também interveio em algumas ocasiões (GFs N.ºs 3, 9, 11).

Um terceiro obstáculo mencionado pelos catadores é a falta de materiais chegando aos galpões, o que também afeta sua produtividade de forma direta.

As descobertas qualitativas apresentam contradições, em termos das opiniões dos catadores sobre as políticas e práticas da prefeitura/governo. Como já discutido, os catadores destacaram os aspectos negativos de não receber apoio suficiente da prefeitura com relação às suas difíceis, e às vezes precárias, condições de trabalho. Contudo, os grupos focais também revelaram que os catadores reconhecem o importante papel que a prefeitura desempenha para manter seus meios de sustento.

Tabela 15 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Positivas

Forças Positivas	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Bolsa Reciclagem	1	1	1	3
Prefeitura	8	7	5	20
Funasa*		1		1
Total	9	9	6	24

Grupos focais N=15

Fonte: todos os grupos Focais realizados durante o EMEI

* Fundação Nacional de Saúde. Ministerio da Saúde

A maioria dos grupos focais compartilhou opiniões positivas sobre as políticas e práticas da SLU, principalmente o programa que oferece a eles os materiais recicláveis. Sem ele, muitas das cooperativas afirmaram que não teriam materiais suficientes (GFs N.ºs 4, 5, 10, 13), o que se reflete na declaração de um catador: “trazem o material para nós. Coletam nos lugares e entregam para nós” (GF N.º 10). A SLU também oferece ajuda através do pagamento das contas de água e energia (GFs N.ºs 2, 5). Em uma cooperativa, os custos do transporte dos trabalhadores são pagos pela prefeitura (GFs N.ºs 1, 7, 14). Além disso, os catadores também fizeram comentários positivos acerca dos equipamentos de proteção (ou seja, máscaras, protetores auriculares, botas e luvas) que recebem da SLU (GF N.º 5).²¹

E a SLU também é mencionada por fornecer aos catadores a oportunidade de trabalhar, graças à cessão de espaço em galpões às cooperativas. Embora a SLU seja vista de forma positiva, os catadores apresentaram algumas críticas. As opiniões contraditórias são mais bem exemplificadas por uma catadora que disse que a SLU “faz besteira, mas ajuda” (GF N.º 12). Essa visão também foi expressa por outro trabalhador, “por um lado, ajudam, por outro, dão facadas nas nossas costas. Estamos nas mãos deles. Eles sempre dizem que vão nos tirar daqui (do galpão)” (GF N.º 14). Os trabalhadores acreditam que têm de ter cuidado, já que a prefeitura “ajuda, mas também tem duas caras” (GF N.º 12).

As descobertas apresentadas na tabela 15 servem não apenas para reforçar como os catadores, em geral, têm uma percepção positiva acerca das políticas e práticas da prefeitura, mas também para ilustrar como os catadores dependem desse relacionamento. Além disso, esse relacionamento é marcado por tensões, resultantes de questões de transparência, e uma falta de atenção maior às necessidades dos catadores.

A segunda força positiva mais mencionada pelos catadores é o Bolsa Reciclagem,²² um incentivo financeiro para o trabalho realizado por eles. Esse incentivo foi implantado pelo governo estadual de Minas Gerais no fim de 2011 e regulamentado por lei em junho de 2012.

²¹ Em um grupo focal, uma catadora afirmou que os trabalhadores estão usando botas e luvas, mas não as máscaras e protetores auriculares (GF N.º 5). Não temos informações precisas sobre a disponibilidade de equipamentos de proteção distribuídos para as cooperativas pela SLU.

²² Ver o futuro estudo de caso - “Marketing Recyclables and Getting Paid by the Government: Waste Pickers and Collective Bargaining in Minas Gerais, Brazil”.

De acordo com a lei, a quantia de dinheiro que cada cooperativa receberá e, posteriormente, distribuirá a seus membros catadores individualmente será definido pela quantidade e tipo de recicláveis coletados e vendidos. O pagamento ocorre no final de um trimestre de trabalho e as cooperativas ganham o direito ao benefício após provar quais materiais (e a quantidade) foram comercializados. Os fundos para o pagamento vêm do tesouro do governo estadual. O governo estadual determina a quantia total anual reservada para financiamento, baseada em suas prioridades nos investimentos e em sua capacidade fiscal.

Os catadores expressaram entusiasmo com a implementação desse projeto, ele é visto como uma oportunidade para os trabalhadores (GF N.º 11).²³ Além disso, vale esclarecer que a lei reconhece apenas os catadores organizados.

De acordo com a autoridade da SLU entrevistada para o presente estudo, esse benefício é bastante importante, já que “dá ao indivíduo e às cooperativas, de maneira coletiva, uma nova maneira de lidar com questões relacionadas a melhorias para as cooperativas”. O representante do governo estadual entrevistado afirmou que a política faz parte do “reconhecimento”, pelos governos estadual e federal, “dos agentes que cuidam do meio ambiente por meio de serviços informais”. De acordo com essa autoridade, a bolsa não deve ser considerada simplesmente como uma “política de compensação”, mas sim como um programa que paga os catadores pelo serviço prestado. Nas palavras dessa autoridade, trata-se de um bônus “corporativo” que considera os produtos que os catadores colocam no mercado como matérias-primas. Além disso, a autoridade do governo estadual destaca o fato de que essa bolsa foi uma reivindicação do movimento nacional dos catadores apoiada pelo governo estadual.

As descobertas quantitativas e qualitativas do estudo EMEI destacam o impacto significativo de determinadas intervenções do governo, como benefícios sociais, sobre as vidas dos catadores. No caso de Belo Horizonte, esses dados não são consistentes com a hipótese do EMEI de que as políticas econômicas e urbanas não apoiam meios de sustento informais. Como mencionado em todo o relatório, o Bolsa Família e o Bolsa Reciclagem são fundamentais para os catadores da cidade.

A terceira força positiva mencionada é a Funasa, devido aos uniformes doados e a um projeto em andamento para custear equipamentos para uma associação (GF N.º 15). Contudo, é importante mencionar que essa força positiva foi mencionada somente em um dos 15 grupos focais realizados. Assim, devemos enfatizar menos essa descoberta, já que está relacionada às opiniões expressadas em apenas um grupo focal.

Considerando os resultados da pesquisa, ao comparar as respostas dadas pelos catadores de rua e por quem trabalha nos galpões, estes mencionaram a prefeitura como uma instituição positiva com maior frequência. Isso é um possível indicador de que os trabalhadores de galpões dependem muito mais da prefeitura do que os catadores de rua.

As descobertas dos questionários também revelaram um aspecto interessante com relação às opiniões das OB's, que não são tão evidentes nos grupos focais. Catadores de rua apontaram que a OB é a instituição mais importante ao considerar o trabalho dos catadores (78%), o que é verdade especialmente no caso das OB's com um maior número de catadores, já que são grupos ou cooperativas formadas em decorrência do movimento dos catadores. Assim, elas foram criadas apesar do interesse da prefeitura em ajudar o setor informal de Belo Horizonte. As cooperativas foram fundamentais para esse setor informal, especialmente quando a prefeitura não tinha qualquer política que melhoraria as condições de trabalho dos catadores. Essa pode ser a razão pela qual os catadores tendem a enxergar as OB's como as instituições mais positivas, apresentando uma opinião diferentes de como a prefeitura os ajuda.

Tanto as descobertas quantitativas quanto as qualitativas não conseguiram apreender detalhadamente como os catadores percebem as regulamentações da cidade. Por um lado, determinadas normas costumam ser impostas aos catadores de rua de maneira informal, afetando suas atividades e impedindo que coletem materiais em determinadas regiões da cidade. Por outro lado, o que pode ser deduzido das descobertas gerais é que os catadores não estão totalmente cientes - ou não compreendem por inteiro - as leis e regulamentações que afetam o setor informal. Isso tornou-se

²³ Os primeiros pagamentos foram feitos em dezembro de 2012 e essa inovação foi recebida com bastante entusiasmo pelos catadores. No entanto, é essencial que essa política seja monitorada e avaliada nos próximos anos para avaliar como ela afeta os trabalhadores e de que maneiras (se houver) contribui para uma cadeia de reciclagem mais justa.

evidente com as respostas inconsistentes dadas pelos participantes do questionário (no geral, os participantes não se sentiram confortáveis em responder as duas últimas questões do questionário) e com a dificuldade de desenvolver este tema nos grupos focais.

Além disso, ambas as metodologias conseguiram capturar como os catadores acham mais fácil discutir problemas que afetam seu trabalho diretamente, como questões que envolvem infraestrutura ou seus relacionamentos com líderes. Os catadores tiveram dificuldade de entender as questões relacionadas a instituições e dinâmicas políticas mais específicas relacionadas à Prefeitura. Em vários grupos focais, os participantes não souberam como definir as instituições. Além disso, ficou claro que os catadores envolvidos em mais atividades de representação política, ou que trabalham no setor administrativo da cooperativa, têm uma compreensão mais cristalina de tais dinâmicas, em comparação com os outros catadores. Embora isso possa sugerir uma necessidade de divulgar ainda mais as informações por toda a cooperativa, também pode simplesmente refletir a falta de interesse de alguns trabalhadores com relação a questões que afetam seu trabalho.

2.1.2 Dinâmica da Cadeia de Valor

Esta seção apresenta as descobertas obtidas com os dados qualitativos relacionados à dinâmica da cadeia de valor.

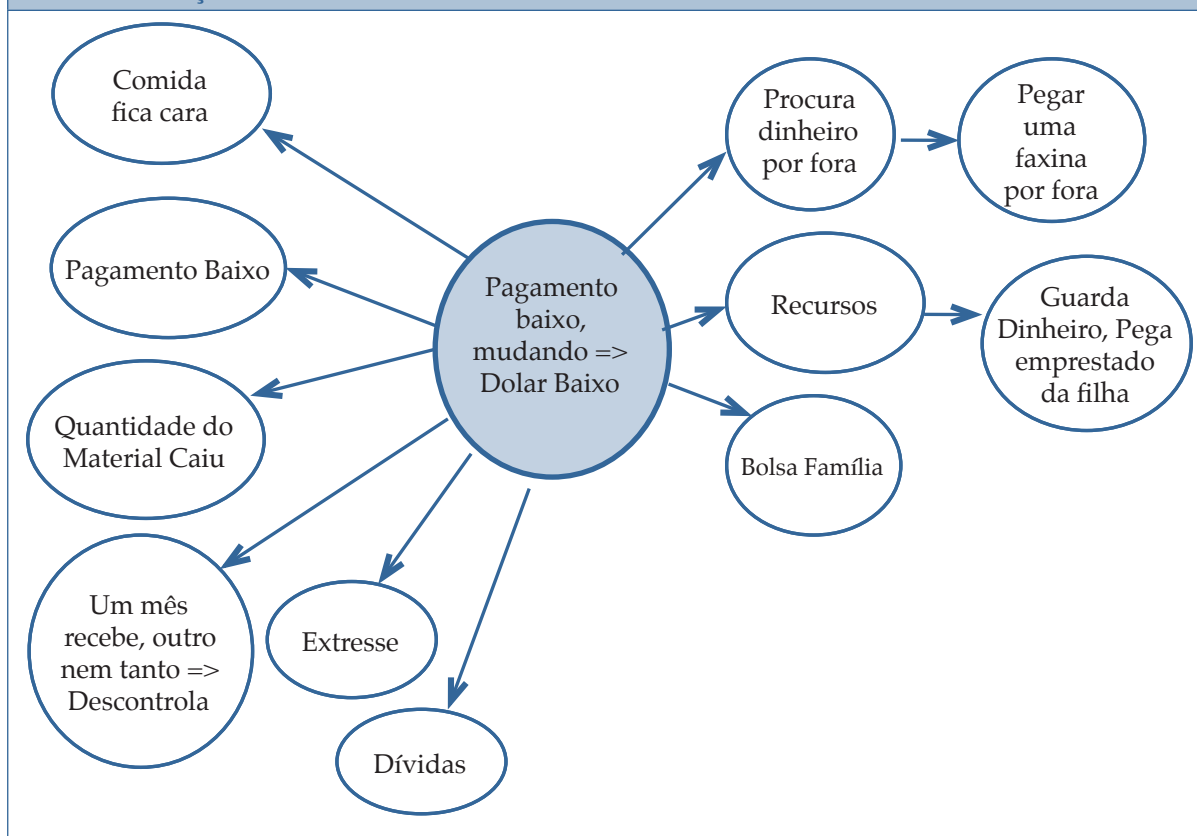
Tabela 16 - Força Motriz N.º 1 - Políticas e Práticas Municipais/Governamentais Mostrando o Ranking de Forças Negativas				
Dificuldade	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Baixo preço dos materiais	7	2	2	
Não ter empresa/ indústria em Minas Gerais			1	
Dependência do atravessador			1	
Total	7	2	4	13

Grupos focais N=15

Fonte: Grupos focais realizados durante o EMEI

Em termos da dinâmica da cadeia de valor, os preços baixos são relacionados como o maior impacto negativo. Um catador destacou que “não ganham o mesmo que ganhavam há 15 (ou) 20 anos” (GF N.º 7). Como resultado da queda dos preços, os catadores alegaram que têm de depender mais dos intermediários. Isso foi relacionado como a segunda força motriz negativa dentro da dinâmica da cadeia de valor. Por fim, um terceiro obstáculo discutido pelos catadores é a falta de indústrias de reciclagem em Minas Gerais. Esse é outro fator para a dependência dos intermediários.

Diagrama 3 - Fluxograma Causal da Mais Importante Força Motriz Negativa da Dinâmica da Cadeia de Valor - "Preços Baixos"



Fonte: Grupo focal N.º 14, com três homens e duas mulheres, 27 de junho de 2012.

Os preços baixos dos materiais afetam os catadores de diversas maneiras. Os exemplos dados incluem: uma redução de seus lucros, dificuldade de pagar despesas pessoais como aluguel e o ensino de seus filhos, dificuldade de comprar alimentos e remédios para toda a família, um aumento das dívidas pessoais, estresse e frustração, e, por fim, aumento da quantidade de trabalho realizado apesar de ganharem menos (GFs N.ºs 1, 4, 5, 7, 10, 11, 14, 15). Um catador expressou a gravidade do problema ao comentar que “no início do ano, os preços caíram tanto que mal conseguíamos pagar o transporte (para o trabalho)” (GF N.º 6). Uma catadora completa a opinião dele destacando que “não há dinheiro para pagar as dívidas, tudo sai do controle, um mês você recebe uma coisa, no outro recebe outra” (GF N.º 14).

Os catadores reagem a tais dificuldades achando “uma saída” (GF N.º 10). Um catador disse que faz trabalhos adicionais descarregando caminhões para uma empresa (GF N.º 6). Outro mencionou que “pega o cobre (material), derrete e vende” ou até mesmo “dá um jeito com outro material”, como a venda de maços de jornais (GF N.º 6). Caso aconteça o pior, um catador disse que muda de emprego ou vai para outra cidade (GF N.º 10).

As mulheres tendem a confrontar a situação ao achar mais trabalho, como “limpar a casa de alguém” ou mesmo trabalhando em um restaurante (GF N.º 1). O programa de repasse condicional de dinheiro do governo federal, o Bolsa Família, também as ajuda a enfrentar as dificuldades financeiras quando os preços caem muito. Uma catadora comentou acerca da importância do programa, dizendo, “quando estou apertada, o que me salva é o Bolsa Família” (GF N.º 14).

Devido aos materiais doados, os catadores consideram grandes geradores, cidadãos individuais e grandes empresas/indústrias como a força mais positiva da cadeia de valor. “Há várias pessoas que param na porta e doam, ainda há muitas pessoas boas”, afirmou um trabalhador (GF N.º 15). Algumas vezes, os geradores de grande porte enviam os materiais para as cooperativas, e outras vezes os trabalhadores devem retirá-los. Apesar da opinião positiva, um catador chamou a atenção para o fato de que quando as fábricas doam materiais, recebem uma certidão que permite deduções

fiscais para a empresa (GF N.º 12). Esse pode ser um dos principais incentivos para o envio das doações. De acordo com outro catador, geralmente são as empresas “que procuram” a cooperativa (GF N.º 11).

Tabela 17 - Força Motriz N.º 2 - Dinâmica da Cadeia de Valor - Ranking das Forças Positivas				
Forças Positivas	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Compradores dos materiais	1			1
Liberdade de comércio			1	1
Os doadores		1	2	3
Total	1	1	3	5

Grupos focais N=15

Fonte: Todos os grupos focais realizados durante o EMEI

Os intermediários são a segunda força mais positiva. Os catadores e catadoras afirmaram que, “sem os compradores, não teriam dinheiro” (GF N.º 5). Os intermediários também foram mencionados por auxiliar a cooperativa em situações de emergência, através do empréstimo de dinheiro aos trabalhadores (GF N.º 5).

A liberdade de comércio²⁴ foi relacionada como a terceira força positiva, que está associada à capacidade de vender os materiais aos intermediários. Novamente, devemos enfatizar menos essa descoberta, já que representa as opiniões expressadas em apenas um grupo focal.

2.1.3 Outras Forças

Tabela 18 - Força Motriz N.º 3 - Outras Forças - Ranking de Forças Negativas				
Dificuldade	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Preconceito		1		1
Megaeventos		1		1
Falta de Consciência			2	2
Condições de Trabalho		1	2	3
Processos internos	2	3	3	8
Total	2	6	7	15

Grupos focais N=15

Fonte: Todos os grupos focais realizados durante o EMEI

Com relação a outras forças motrizes mencionadas pelos catadores, os processos internos dentro da cooperativa foram mencionados como o principal obstáculo. Entre os quais, incluem-se problemas relacionados à organização do galpão, além da falta de cooperação e união entre os membros.

Problemas internos ocorrem principalmente devido à desorganização do galpão. Um homem mencionou que como resultado do espaço desorganizado, “vários materiais (acabam indo) para o lixo” (GF N.º 12).

A desorganização também afeta o relacionamento dos catadores com a comunidade e seus colegas de trabalho. A falta de união e cooperação entre os trabalhadores também decepciona catadores e catadoras que vêm trabalhando na mesma cooperativa há vários anos. Um catador declarou que às vezes as coisas acontecem em sua cooperativa, mas ninguém é informado. Para ele, “isso humilha” os trabalhadores (GF N.º 14). No entanto, o problema também é um reflexo da falta de interesse de

²⁴ Essa força apareceu apenas em um dos 15 grupos focais. O grupo que fez a menção é, na verdade, a associação que não tem liberdade para vender os materiais a outros intermediários, já que tem a obrigação de vender todos os materiais à CRB. Esse intermediário é dono do galpão no qual os catadores trabalham e fornece a eles uma balança e máquina de prensagem. Em troca, os catadores vendem os materiais exclusivamente à CRB, que paga a eles uma taxa mais baixa do que a de outras cooperativas de Belo Horizonte. A força foi relacionada como positiva, e pode ter havido uma certa confusão se isso é algo que eles gostariam de ter.

alguns catadores e catadoras em aprender mais sobre o que ocorre em seu próprio local de trabalho (GF N.º 14).

Quando as tensões aumentam, alguns catadores reagem conversando mais uns com os outros e até mesmo discutindo algumas coisas com a diretoria (GF N.º 14). Contudo, a maioria dos catadores que mencionaram tais tensões acaba “ignorando” o problema, sendo esse seu método de lidar com tais tensões.

As condições dos trabalhadores foram citadas como a segunda força negativa, que inclui a falta de equipamentos de proteção adequados e problemas com ratos. Além disso, alguns catadores comentaram sobre as preocupações com sua própria saúde relacionadas ao trabalho.

Outro obstáculo enfrentado pelos catadores inclui a falta de conscientização e interesse da população com relação à reciclagem. Muitos destacaram que a população deveria aprender mais sobre materiais recicláveis, pois já receberam “um cachorro morto”, “papel higiênico sujo”, uma “cobra morta” (GF N.º 5). Isso acaba deixando a separação mais difícil e aumenta os riscos para a saúde dos trabalhadores.

Os catadores também têm de lidar com a discriminação, embora declarem que a situação melhorou nos últimos anos, quando comparada a como era no passado. No entanto, não raramente os catadores enfrentam discriminação.

Por último, megaeventos, como a Copa do Mundo, foram apontados como uma ameaça para as atividades dos catadores. Como discutido por um grupo, eles temem serem despejados e transferidos para um local muito distante. Uma artesã, que trabalha em um galpão, mencionou que a cidade “tem vergonha deles” e que a Copa do Mundo seria um momento para tentar encobrir o trabalho informal realizado em Belo Horizonte (GF N.º 12).

Tabela 19 - Força Motriz N.º 2 - Dinâmica da Cadeia de Valor - Ranking das Forças Positivas				
Forças Positivas	#1 Prioridade	#2 Prioridade	#3 Prioridade	Frequência Total
Oportunidades/ Melhorias na vida	1			1
Doações		3	2	5
História da Asmare			1	1
Solidariedade entre os membros da cooperativa	1	2		3
Vizinhos		1		1
Redesol*	1	1	2	4
Reconhecimento da comunidade	1			1
Total	4	7	5	16

Grupos focais N=15

Fonte: Todos os grupos focais realizados durante o EMEI

*Redesol: Central Cooperativa Rede Solidária de Trabalhadores de Materiais Recicláveis de Minas Gerais

As doações foram relacionadas como a força mais positiva para outras forças motrizes. Embora na tabela 19 as doações refiram-se especificamente a materiais recicláveis, as doações aqui se referem a uniformes, roupas e até mesmo a alimentos enviados para os catadores e catadoras (GFs N.ºs 5, 13, 15).

A Redesol foi mencionada como a segunda força mais positiva, principalmente por ser capaz de fortalecer as demandas dos trabalhadores. De acordo com um catador, a Redesol é importante devido a “seus projetos, cursos de treinamento e capacitação, as parcerias que estabelece e a (ajuda com) o comércio (de materiais)” (GF N.º 2). Ela é descrita como um “quartel-general de cooperativas” que tenta negociar com os compradores para que as mesmas possam vender materiais para outros lugares (GF N.º 5). Além disso, a Redesol também é mencionada por tentar conseguir um caminhão para as cooperativas coletarem mais materiais das grandes empresas (GF N.º 10). O uso do caminhão seria dividido entre as cooperativas afiliadas à Redesol.

Solidariedade e cooperação entre os trabalhadores foram relacionadas como a terceira força mais positiva. Para uma triadora, eles são aqueles “que se ajudam” (GF N.º 2). Outra triadora comentou, “quando você começa na cooperativa, você é um triador, e dependendo do seu desempenho, você pode subir para cá (o departamento administrativo)” e trabalhar (GF N.º 2). Um catador acrescentou que os trabalhadores são “unidos” e que ele “fez bons amigos” no galpão (GF N.º 9).

Outros fatores importantes incluem a compreensão dos administradores/“líderes” com relação a alguns dos problemas e dificuldades pessoais dos trabalhadores, além da “flexibilidade” das horas de trabalho (GF N.º 13). Talvez seja esse o motivo de tantas mulheres trabalharem em cooperativas, já que lidam com cargas de trabalho duplas e triplas.

2.2. Reações e Forças Intermediárias

2.2.1 Reações

No geral, as descobertas dos grupos focais ilustram que os catadores reagem a problemas individual e coletivamente. No entanto, é interessante observar que eles tendem a reagir a dificuldades relacionadas à dinâmica da cadeia de valor individualmente, em comparação com outros problemas.

Tabela 20 - Respostas às Forças Motrizes					
Forças Motrizes	Dificuldade	Resposta			Total
		Individual	Residência/Família	Organização/Coletivo	
Planejamento Municipal/ Urbano	Incineração			5	5
	Espaço	2		4	6
	Segurança	2		9	11
Cadeia de Valor	Preços Baixos	17	1		18
Outros - Megaeventos	Copa do Mundo	1		2	3
Outros - Processos Internos	Falta de União	1		2	3
Total		23	1	22	46

Fonte: compilado dos fluxogramas causais nos relatórios dos grupos focais 1, 3, 5, 6, 11, 14 e 16.

Como observado acima, a tabela 20 ilustra que os catadores de Belo Horizonte reagem aos problemas de maneira individual e coletiva. Há apenas uma menção de reagir às forças negativas como uma família, que surgiu na discussão sobre preços baixos, que é uma força da cadeia de valor. Nessa situação, uma catadora descreveu como sua família gasta menos com alimentos. Em suas palavras, “em vez de comer carne, comemos ovos” (GF N.º 11).

Ao considerar outras dificuldades relacionadas às forças da cadeia de valor, é interessante observar que as todas as reações ocorrem no nível individual. Devido a problemas como preços baixos e redução dos materiais no galpão, os catadores alegaram que precisam trabalhar mais e tomar dinheiro emprestado; e alguns até mesmo dependem do programa de garantia alimentar do governo federal. Um grupo de mulheres destacou como os preços baixos aumentam “a incerteza da vida” (GF N.º 4). Os trabalhadores expressaram como ficam contrariados, já que não gostam de tomar dinheiro emprestado de outras pessoas (GF N.º 4).

Ao considerar as dificuldades relacionadas às forças de planejamento urbano e municipal, os catadores reagem aos problemas de forma individual e coletiva. Contudo, sua principal forma de reação às forças de planejamento municipais e urbanas é coletiva. Ao discutir a incineração,²⁵ os

²⁵ Incineração, como um fluxograma causal para uma força negativa, surgiu apenas em um dos 15 grupos focais. É necessário observar que a discussão sobre incineração não foi muito clara nos grupos focais. Alguns trabalhadores mencionaram que já haviam ouvido sobre ela, enquanto outros afirmaram ter participado de reuniões nas quais o assunto surgiu. Contudo, no grupo focal em que essa discussão apareceu de forma mais contundente, os catadores não conseguiram informar-nos com precisão sobre mais detalhes. A incineração está sendo discutida em Belo Horizonte devido a parcerias público-privadas. No entanto, a cidade não está considerando essas parcerias, dado seu acordo de enviar resíduos sólidos para o aterro de Sabará durante os próximos 30 anos.

catadores indicaram que reagem a essa ameaça organizando reuniões e mesmo participando de uma manifestação (GF N.º 3). Com relação à problemas de segurança, os catadores tendem a reagir se adaptando ao problema dentro do galpão e comunicando-se com parceiros e instituições. As reações incluem o empréstimo de dinheiro para a compra de equipamentos que foram roubados, coleta de dinheiro entre os trabalhadores para a compra de novos equipamentos, prestação de queixas à polícia, agendamento de uma reunião com a prefeitura e mesmo o envio de uma carta a outras cooperativas para informá-las dos recentes problemas de segurança (GFs N.ºs 3, 11). Os trabalhadores reagem a problemas de infraestrutura através, principalmente, da reorganização de seu trabalho no galpão.

Ao considerar as dificuldades relacionadas a outras forças motrizes, como processos internos e desorganização do galpão, discriminação pela sociedade, a Copa do Mundo, e a falta de união entre trabalhadores, etc., os catadores reagem de forma individual e coletiva. Em algumas situações, as respostas referem-se à dinâmica do galpão. Esse é o caso quando há problemas com colegas de trabalho. Quando isso ocorre, os catadores e catadoras comentaram que ignoram o problema ou o discutem com a diretoria (GF N.º 14). Em outros casos, como os problemas gerados pela Copa do Mundo, os catadores reagem de maneira coletiva através da assinatura de abaixo-assinados (GF N.º 1).

2.2.2 Instituições Intermediárias

Tabela 21 - Matriz de Instituições em Termos de Frequência e Importância							
Instituição	Frequência de Menções	Importância			Positivo ou Negativo		
		G	M	P	=	-	+
Grandes Geradores	19	5	12	2		2	17
Rede de OB's ²⁶	7		5	2			7
Governo Federal	6	1	5			1	5
Prefeitura	18	9	7	2		8	18
Governo Estadual	3		3				3
Movimento Nacional	1		1				1
Intermediários	8	1	5	2		4	5
Fundações/ONGs Católicas	5	2	3				5
Fundações/ONGs	4	2	1	1			4
Empresas do setor do lixo	3	1	1	1		3	
OB ²⁷	3		3				2

Fonte: compilado a partir de 15 grupos focais

A tabela 21 representam as principais instituições discutidas pelos catadores e catadoras nos 15 grupos realizados. As três instituições mais mencionadas foram (1) grandes geradores, (2) SLU, e (3) intermediários. Os grandes geradores e a SLU foram considerados positivos e negativos. No entanto, é necessário observar que essas instituições são mais frequentemente mencionadas como positivas, em vez de negativas.

Tantos os grandes geradores quanto a SLU são positivos porque enviam materiais. Para alguns catadores, foi importante diferenciar o fato de que embora a SLU seja positiva, a atual administração da prefeitura é, na verdade, negativa. Uma catadora disse que “se não fosse Lacerda (o prefeito atual)”,²⁸ eles considerariam a prefeitura ainda mais positiva (GF N.º 3). Outra triadora reforçou essa ideia ao declarar que a prefeitura pensa apenas no que é bom para ela, destacando vários problemas no bairro, como “esgotos abertos” e ruas “sem asfalto” (GF N.º 3). De acordo com essa triadora, a prefeitura apenas conserta as coisas “durante as eleições” (GF N.º 3).

²⁶ Aqui, “Rede de OB's” refere-se às redes de organizações de catadores, como Redesol e Cataunidos

²⁷ Aqui, “OB” refere-se à menção real da cooperativa que participa do grupo focal.

²⁸ Márcio Lacerda é o atual prefeito de Belo Horizonte. Ele foi reeleito para um segundo mandato (2008-2012, 2012-2016).

A SLU também foi considerada negativa durante as negociações com catadores. Uma catadora afirmou que “as lutas com a prefeitura não são justas, já que ela sempre vence” (GF N.º 4). De acordo com um líder do movimento, os diálogos com a SLU não são iguais a como eram durante o mandato de Patrus Ananias:

“A SLU alega que não pode trazer mais resíduos do programa de coleta seletiva aos galpões porque os mesmos estão cheios e os catadores não são capazes de processar os materiais. Mas queremos uma discussão diferente: galpões adequados, tecnologias adequadas, equipamentos adequados, para que possamos aumentar o potencial de produtividade do pessoal e, ao mesmo tempo, humanizar o trabalho, que está se degradando nos galpões. Então, há um conflito entre os catadores e a SLU”.

Entrevista com liderança do movimento

Embora os intermediários sejam importantes porque compram o material dos catadores, eles também são vistos de maneira negativa especificamente por não atuar de maneira transparente. A postura de um intermediário é sempre “instável”, já que os “preços” dos materiais “caem sem qualquer explicação” (GF N.º 5).

Em termos de representação da instituição que mais afeta os catadores, de maneira negativa ou positiva, o governo – municipal, estadual e federal – também obteve os maiores índices. Porém, a prefeitura, normalmente representada pela SLU, foi o nível de governo considerado como o mais negativo nas discussões. O governo federal também foi mencionado como negativo em algumas ocasiões.

Tabela 22 - Matriz de Intervenções			
Instituição	Como ajuda	Como prejudica	Que soluções devem ser fornecidas
Prefeitura	Contratos com o município	Prejudica porque vem muito rejeito	Farmácia – Medicamentos
	Mandar para as cooperativas os materiais da coleta seletiva	Não paga segurança	Separando o material melhor
	Vigilantes		Segurança
	Doação de caminhões		Tirar esta idéia da cabeça (incineração – até o nome é difícil).
	Equipamentos de Proteção Individual		Podiam dar nós ajuda financeira, a bolsa
	Pagamento de aluguel de galpão		Deveria comparecer juntos aos trabalhadores.
	Alguns ajudam quando querem fechar no galpão	Inspeções	Contribuir mais com a Coleta Seletiva.

Tabela 22 - Matriz de Intervenções

Instituição	Como ajuda	Como prejudica	Que soluções devem ser fornecidas
	Assistência	Prejudica querendo colocar este negócio aí (incineração)	Falar mais sobre o trabalho dos catadores, como agentes ambientais. Levar matéria para as escolas.
	Rampa	Privatizando a forma de trabalho	Promover melhorias nos galpões
	Uniformes	Eles só pensam o lado deles. Eles só fazem as coisas no itinerário deles. Nos bairros [próximos a elas] tem esgoto a céu aberto, asfalto estourado. A Copa vem aí. Muita coisa que fazem na pressa, por causa das eleições só sai porcaria. Cadê a verba? As escolas ...	Buscar reconhecimento de quem é catador
	Apoiam/ Manutenção no Galpão		Tentar trazer menos lixo e mais materiais de qualidade
	Ajuda lá fora com a questão da poluição		Orientar os catadores
	UMEI		Reconhecimento maior da Asmare, do trabalho feito na cidade
	Cobertura de custos de transporte		Pagar pelo trabalho que faz /Pagar salário
			Proibir de tirar o melhor material e vender, eles já têm o salário deles (com relação ao que os lixeiros/serviços de limpeza municipais fazem)
			Mais equipamentos
			uniformes, calças e camisas
			Legalizar a situação trabalhista
			Conhecer nosso serviço/ reconhecer nosso trabalho

Tabela 22 - Matriz de Intervenções

Instituição	Como ajuda	Como prejudica	Que soluções devem ser fornecidas
			Colocar as pessoas da Rede de cooperativas para coletar os materiais, em vez de outras pessoas
			Um caminhão para cada cooperativa
			Doar verba para pagar INSS dos catadores
			Oferecer mais creches, a um custo baixo
			Poderia olhar a gente como profissional
			Bolsa reciclagem
			Fazer inspeções para que eles não joguem materiais no chão
			Doar dinheiro
Governo Federal	Doações de Material (<i>Banco do Brasil</i>)	Faz nada, não, não ajuda em nada; nem sabe se a Dilma está viva. (referência às suas várias viagens)	Doar dinheiro
	-Vários projetos para olhar lado do catador		Aumentar o material
	Empréstimo		Organizar o material
	- Financiando equipamentos		Continuar fazendo isso
	É nosso melhor cliente; abre porta para participar de feiras; aprova projetos; é um parceiro forte.		Financiar mais
			Estipulando um salário, pelos menos a metade do mínimo. Seria uma bolsa reciclagem.*
			Trazer o material
			Reconhecimento
		Investir nas cooperativas.	

Tabela 22 - Matriz de Intervenções

Instituição	Como ajuda	Como prejudica	Que soluções devem ser fornecidas
Intermediários	Ajudar no galpão e pagar por metade da conta do contador (no caso de um grupo)	Não tem certeza da pesagem	Tratando nós com igualdade, igual os outros galpões (no caso de um grupo)
	Pagamentos	Porque são os intermediários	Doações- roupas
		Preços baixos	Comprar nosso material por um preço melhor; ainda sou contra intermediários.
		Baixo preço do papel	Melhoria se nós vendesse direto pra indústria
			Parar de perseguir a Asmare
			Diminuir a dívida, nunca acaba
			Ajudar com algum tipo de plano de saúde
Grandes Geradores	Doações de Material		Enviar materiais mais limpos
	Verbas pra festas de final de ano / dinheiro para essa festa/ cesta Natalina		Ter uma pessoa para fazer o trabalho
	Contribuir para o aumento da quantidade de material		A associação deveria apenas pegar o material
	Reconhece serviço da gente		Doar mais material
	Doações de camisas/ uniformes		Conscientizar mais as pessoas acerca da reciclagem em shopping centers
	Faz campanha		Ajudar fornecendo um caminhão
	Ajuda com as despesas para coletar material		Locais para coleta (shopping centers para coletar material)
	Divulgando nome das cooperativas		Divulgar informações sobre a cooperativa
	Eles têm uma conta e conseguiriam um empréstimo melhor para nós, receber doações (material reciclado)		Já fazem muito

Tabela 22 - Matriz de Intervenções			
Instituição	Como ajuda	Como prejudica	Que soluções devem ser fornecidas
			Seria melhor trazer o material até nós
			As empresas deveriam doar o material, em vez delas mesmas venderem
Rede de OB's	Projetos, capacitação, viagens		Aumentar projetos
	Está tentando manter as cooperativas unidas para vender direto pra indústria. A gente vai ganhar.		Levar o nosso material direto para as indústrias; buscar mais recursos. É o caso da Redesol coligar direto com os empresários.
	Buscando recursos, parcerias pra trazer material, discute logística		Conversar mais com órgãos públicos
	Coleta, Caminhão busca material.		Continuar a luta; lutar com a gente
	Ajuda na venda do Tetra Pak e na articulação política também.		Fazer Coleta de roupas usadas, brinquedos, alimentos
	Ajuda com computadores		
	Uniforme para cooperativa		

Fonte: Compilado a partir de grupos focais

*Alguns dos catadores mencionaram o Bolsa Reciclagem como um benefício do governo federal; porém, deve-se observar que ele é fornecido pelo governo estadual de Minas Gerais

Como mencionado acima, a SLU é considerada “fundamental, devido ao material que traz” (GF N.º 7). Quando os catadores pensaram em como a SLU poderia ajudá-los, vários mencionaram o fato de que os materiais poderiam passar por uma separação melhor antes de chegar aos galpões (GFs N.ºs 2 e 3). Isso impediria que recebessem “tantos refugos” (GF N.º 2). A SLU também poderia ajudar nas questões de segurança e dos problemas de infraestrutura (GFs N.ºs 3, 5, 8). Para um grupo, a SLU deveria fazer visitas aos catadores para interagir mais com eles (GF N.º 3). Ainda com relação a isso, outros catadores afirmaram que a SLU poderia ajudar através da divulgação da importância dos catadores como agentes ambientais (GF N.º 4). Outros destacaram a necessidade da SLU “reconhecer” o trabalho realizado pelos catadores (GFs N.ºs 6, 7). Por fim, alguns catadores afirmaram que a SLU poderia ajudá-los ao definir um salário fixo (GFs N.ºs 8, 10, 12).

De acordo com os catadores, os geradores poderiam ajudar não apenas com o envio de mais materiais, mas também ajudando a estabelecer algum tipo de seguro-saúde (GF N.º 2).²⁹ Os geradores também poderiam auxiliar os catadores a trazer materiais para os galpões, em vez de fazer com que as cooperativas e associações retirem-nos, já que acaba sendo uma despesa adicional para os grupos (GFs N.ºs 7, 8).

²⁹ A referência de grande geradora no caso é a Unimed, a empresa privada de planos de saúde.

O Banco do Brasil, representando o governo federal, doa material e oferece financiamentos não reembolsáveis para projetos, treinamento e equipamentos, sendo considerado um “grande parceiro” (GF N.º 12). Ele também foi destacado por sua atenção com as questões ambientais e o bom relacionamento com os catadores. Um catador, que faz peças de artesanato a partir de materiais recicláveis, declarou que o Banco do Brasil também ajuda ao “abrir portas para que participemos de feiras” (GF N.º 12). Em outro grupo, um catador sugeriu que “seria bom para o Banco do Brasil abrir uma conta para os catadores” (GF N.º 7).

O intermediário, a CRB, é considerado positivo e negativo. Positivo porque retira o material da cooperativa (GF N.º 5); contudo, pode ser negativo porque nem sempre é transparente (GF N.º 5). Ao discutir as maneiras nas quais o principal intermediário, a CRB, poderia ajudar, um participante de um grupo focal observou que a melhor coisa seria “melhorar o preço do papel e nos tratar como iguais, da mesma maneira que trata os outros galpões” (GF N.º 15).³⁰

A Redesol, uma Rede de OB’s, é considerada positiva. A rede poderia ajudar as cooperativas a encontrar meios de vender diretamente às empresas, o que eliminaria a dependência dos intermediários (GF N.º 10).

A comunidade e os vizinhos são vistos como negativos, já que costumam reclamar dos galpões, incluindo questões de saneamento, como a presença de ratos (GFs N.ºs 1, 5, 8, 12). Contudo, há alguns bairros que reconhecem o trabalho realizado pelos catadores (GF N.º 9).

2.2.3 OB’s

Durante as discussões sobre instituições, o papel das OB’s foi levantado com menos frequência. Dos 15 grupos focais, apenas quatro relacionaram sua própria cooperativa como uma instituição importante. Além disso, em dois dos três grupos nos quais a OB foi mencionada, ela ocorreu usando o nome dos líderes da cooperativa. A OB, como cooperativa, apareceu em apenas um grupo focal. No primeiro grupo no qual a cooperativa foi mencionada, houve uma resposta positiva ao lembrar do papel que os líderes desempenharam em batalhas anteriores contra a discriminação (GF N.º 1). Esses líderes foram importantes porque conquistaram o reconhecimento para os catadores. Os catadores declararam que esses líderes poderiam ajudar mais ao associar-se a outros trabalhadores e organizar melhor as condições do galpão (GF N.º 1). Por um lado, como já foi mencionado, as descobertas do questionário apresentam uma perspectiva diferente sobre as OB’s, revelando que, especialmente no caso dos catadores de rua, a OB é uma das instituições mais importantes.

Quando a OB foi mencionada nos outros dois grupos focais, os catadores acrescentaram alguns comentários negativos acerca das condições e relacionamentos entre os trabalhadores e também entre os trabalhadores e líderes. Em um grupo, os catadores questionaram a falta de transparência dos líderes, declarando que seria melhor ter mais reuniões para informar todos os catadores acerca do que está ocorrendo (GF N.º 14). Nesse mesmo grupo, os catadores também comentaram acerca da falta de união entre os trabalhadores e que deveriam ser eles a pressionar os líderes de OB’s para que forneçam mais informações. Na mesma linha, os catadores e catadoras de outra OB destacaram a necessidade de mais “humanidade” e “solidariedade” entre os trabalhadores (GF N.º 10). Finalmente, em um grupo focal, os catadores também questionaram o tratamento do líder dos trabalhadores. Por um lado, esse líder foi considerado positivo devido aos esforços para vender o material por “preços melhores” e por “cuidar” dos trabalhadores. Por outro lado, os catadores destacaram o tratamento desigual dentro do galpão e a necessidade de “mais compreensão e igualdade” (GF N.º 13).

Em meio a todas as dificuldades de estar nas margens da dinâmica da cadeia de valor, em termos de poder e reconhecimento, os catadores ainda conseguem ter uma perspectiva positiva na maior parte dessas relações. No entanto, as dinâmicas dentro das cooperativas e associações revelam o quanto alguns catadores e catadoras estão preocupados com a quantidade de tensão e com a falta de solidariedade entre os colegas de trabalho. Durante discussões nas quais esses assuntos surgiram, também ficou claro que as informações circulam desigualmente entre os trabalhadores (GFs N.ºs 13, 14), o que também pode ficar claro nos casos nos quais os catadores mencionaram duas das redes (Cataunidos e Redesol) às quais pertencem, mas não conseguiram fornecer muitas informações sobre como elas efetivamente prestam auxílio a eles (GFs N.ºs 6, 7).

³⁰ Uma associação entrevistada na pesquisa trabalha no galpão da CRB. Assim, a CRB paga um preço menor pelo material coletado pelos trabalhadores, dando a eles um tratamento diferente daquele dado a outros galpões.

Parte 3: Elos e Contribuições

3.1 Elos com a Economia Formal

As descobertas sobre a dinâmica da cadeia de valor são consistentes com a hipótese de que os catadores estão bastante ligados à economia formal, já que sua produção é totalmente enviada a empresas formais de coleta de resíduos, como intermediários ou indústrias de reciclagem em outros estados. Como já discutido neste relatório, as cooperativas de coleta de Belo Horizonte não necessariamente expandiram sua capacidade de afetar a economia formal, especialmente quanto a romper com o modelo explorador predominante no mercado. Em outras palavras, as cooperativas de coleta de resíduos não têm conseguido mudar seu status na dinâmica da cadeia de valor. Basicamente, há duas razões para isso. Primeiro, não são produzidos materiais reciclados suficientes para vender às indústrias, o que, de acordo com uma entrevista realizada com um representante da SLU, pode ser responsável pelo fato de que não vem ocorrendo o crescimento das indústrias que lidam com materiais reciclados na cidade ou no estado. A segunda razão para a falta de impacto sobre a economia formal, que também está associada à dinâmica da cadeia de valor, é o fato de que as cooperativas de catadores dependem de um suprimento limitado de materiais.

A mesma autoridade da SLU destacou essa realidade com a seguinte afirmação: “Essa questão da coleta seletiva, que a população, alguma empresa ou fábrica, ou mesmo escritórios públicos enviam... Para a cooperativa é a mesma de 10 anos atrás”. De acordo com o representante, as cooperativas de catadores “ainda vendem para o mesmo comprador”. E esse comprador “ainda controla o mercado de Belo Horizonte” e acaba “vendendo diretamente para a indústria” em outro estado.

O representante da SLU ainda declarou que a organização econômica desse mercado informal “não parece ter mudado muito”, já que o principal agente do setor “continua sendo a cooperativa, que é muito pequena, ou o catador individual, que coleta aleatoriamente para vender a um depósito das redondezas³¹.” Em seguida, esse pequeno depósito vende para um depósito ou empresa maior.

Essa opinião é representada de forma clara no diagrama 1 sobre elos econômicos, que aponta a bastante (1) limitada fonte de materiais originados basicamente de grandes geradores, como fábricas, bancos, condomínios, lojas do centro e o programa municipal de reciclagem, e (2) o número limitado de compradores.

Embora alguns catadores tenham deixado a economia informal e migrado para a economia formal, como a construção civil, os representantes da prefeitura, do governo do estado e do INSEA continuam a afirmar que a redução no número de catadores deve-se muito mais ao alto grau de rotatividade no setor. Algumas das principais entrevistas revelaram que novos tipos de catadores estão surgindo na cidade, especialmente em alguns bairros, e não apenas na região do centro de Belo Horizonte. Isso pode ser o motivo do aumento da concorrência na região do centro. Contudo, esses novos catadores são diferentes dos catadores tradicionais que coletam todos os tipos de materiais, pois coletam apenas o que é considerado mais valioso no mercado naquele momento, como latas de alumínio.

O representante da SLU alegou que os catadores acabam deixando as cooperativas mais fracas e menos organizadas. Também foi apontado que as mulheres, que compõem a maior parte dos catadores nas cooperativas organizadas, permanecem nas mesmas por períodos mais longos. Elas são “mulheres com mais de 40 anos de idade, um baixo nível de escolaridade, têm um terceiro turno de trabalho e cuidam dos filhos, pais, marido ou são solteiras” (entrevista com o representante da SLU). Em vários casos, essas mulheres trabalham perto de suas residências. Por outro lado, os homens, que trabalham em atividades operacionais, tendem a deixar seus empregos com mais frequência.

3.2 Elo com Cidade/Planejamento Urbano/Governo

Três elos principais com as políticas e planejamento urbano surgiram com frequência nas discussões do grupo focal. Primeiramente, o problema da infraestrutura dos galpões foi destacado como uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos catadores. O representante da SLU confirmou que os galpões não foram planejados ou criados para as atividades realizadas pelos catadores. Outro problema que necessita ser reconsiderado é o fato de que se o serviço aumenta, o layout do galpão também precisa mudar.

³¹ Normalmente refere-se a depósitos particulares.

O segundo elo se refere aos programas de assistência social e benefícios estaduais e federais. Como já mencionado, o Bolsa Família e o recentemente implantado Bolsa Reciclagem são enxergados como forças positivas cuja origem é o governo. Embora eles auxiliem esses trabalhadores informais e famílias de baixa renda, um representante da ONG INSEA não hesitou em apontar outra faceta desses benefícios. Na opinião dele, há a preocupação de que medidas compensatórias, especialmente o Bolsa Reciclagem, terminarão diminuindo os impactos da mobilização social. Em outras palavras, o representante da ONG teme que essa pode ser uma maneira de frear as pressões e demandas de grupos organizados.

Já o terceiro tópico a surgir e que afeta as futuras políticas da SLU é a assistência fornecida aos trabalhadores por meio de creches. Embora as creches, ou Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI),³² sejam consideradas positivas, alguns trabalhadores destacaram a necessidade de mais escolas. Além disso, um catador observou que a dificuldade que as mulheres têm para encontrar outras creches quando as primeiras têm de fechar, em feriados ou mesmo durante greves. Como os catadores e catadoras às vezes trabalham aos finais de semana, mulheres e famílias precisam considerar o que farão com seus filhos (GFs N.ºs 9, 11, 12).

3.3 Contribuições para a Cidade

Ao final dos grupos focais, pediu-se que os participantes refletissem sobre suas contribuições para a cidade, a economia e o meio ambiente. As descobertas dos grupos realizados em Belo Horizonte confirmam a hipótese do EMEI de que trabalhadores informais contribuem para a cidade de diversas maneiras. É possível resumi-las em três categorias mais amplas, expressadas com “orgulho” pelos trabalhadores: (1) incentivos para geração de trabalho e renda; (2) promoção do Cooperativismo; (3) Preservação do Meio Ambiente. A última categoria reúne outras opiniões acerca das contribuições feitas pelos catadores, incluindo: a capacidade de conscientização da população acerca da importância de reciclar, a colaboração para a cadeia de valor produtiva, os esforços para manter a cidade limpa e a promoção da saúde e da qualidade de vida da cidade.

Com relação à mão-de-obra, trabalho e renda, ou contribuições para a economia, os catadores e catadoras destacaram como as cooperativas “ajudam as famílias com o trabalho e (gerando) renda” (GF N.º 2) nas cooperativas. Além disso, as cooperativas abrem as portas para os trabalhadores e criam “oportunidades para outros indivíduos” ao “tirá-los das ruas” (GF N.º 2).

Com relação ao incentivo ao cooperativismo ou contribuições para a sociedade, essa ideia é mais bem expressada pela declaração de um catador, que disse que “(somos) unidos por nossas forças e pela ajuda mútua” (GF N.º 3). Além disso, um grupo comentou que seu trabalho em conjunto “ensina maneiras de cooperar uns com os outros” (GF N.º 11).

Além disso, os catadores também acreditam que contribuem para a sociedade por serem capazes de promover a saúde e a qualidade de vida da cidade, uma visão refletida na declaração feita por um grupo focal: “A reciclagem faz parte da vida e da saúde” (GF N.º 12). Os catadores também acreditam que contribuem para a cadeia de valor (GF N.º 6). Um catador alegou que “seu material é o terceiro ou quarto a dar lucro para a região” (GF N.º 6).

De modo geral, os catadores mencionam, de maneira esmagadora, que contribuem para a preservação do meio ambiente municipal. A maioria dos grupos focais destacou como os catadores são agentes ambientais que ajudam a limpar a cidade (GFs N.ºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 15). Afirmações pessoais incluem: “(Colaboramos) trabalhando para ajudar no saneamento urbano” (GF N.º 2) e “Mantemos a cidade limpa” (GF N.º 5). Na mesma linha de raciocínio, os catadores contribuem para “evitar enchentes” (GF N.º 4) e reduzindo a “poluição” (GFs N.ºs 4, 11, 13). Uma triadora também apontou como eles “contribuem bastante ao não enviar materiais para lixões” (GF N.º 2). Além disso, os catadores também acreditam ser essenciais no processo de conscientização da população acerca da importância da reciclagem.

³² Uma UMEI específica foi reconhecida por alguns grupos focais como extremamente útil para os catadores e suas famílias. Vários dos filhos dos catadores da Asmare vão à UMEI Carlos Prates - Danielle Mitterrand. Ela foi criada por meio de um projeto financiado por doações da ex-primeira dama francesa, Danielle Mitterrand, e do empresário Mendes Júnior. Sua abertura ocorreu em 2004 e a prefeitura de Belo Horizonte assumiu os custos da manutenção da escola. Para mais informações sobre a história da escola, consulte <http://umeicarlosprates.blogspot.com.br/>.

Parte 4: Principais Descobertas e Implicações para Políticas

4.1 Divisão Sexual do Trabalho e Análise de Gênero das Atividades de Trabalho

De modo geral, os domicílios participantes da pesquisa representam estruturas patriarcais típicas, o que é confirmado pelo número maior de dependentes dos homens. Mesmo com as crescentes mudanças nas estruturas familiares, especialmente com o crescente número de domicílios nos quais as mulheres são os chefes da família, o estudo mostra que as mulheres catadoras ainda dependem economicamente de seus maridos, ex-maridos ou do estado patriarcal – por meio de programas de repasse de dinheiro.

Além disso, o nível de escolaridade mais baixo das mulheres nesse grupo pode ser um resultado da dificuldade que as mesmas têm de encontrar um emprego no mercado formal em comparação com os homens que têm o mesmo nível de escolaridade. Isso indica que embora as mulheres tenham conseguido romper barreiras com relação às desigualdades de gênero relacionadas à educação no Brasil, elas ainda não avançaram muito no mercado de trabalho. As presentes descobertas parecem apontar para o fato de que as mulheres precisam de um nível muito maior de escolaridade do que os homens para entrar no mercado formal, uma hipótese que é corroborada pelas histórias de mulheres que deixaram o mercado formal porque ganhavam menos do que ganham como triadoras nos galpões.

A tabela 11 também mostra que os homens alegam ter rendas maiores do que as mulheres. Isso é verdade para homens que trabalham nos galpões ou que fazem coletas nas ruas (medidos na tabela abaixo pela categoria “outras”). A razão mais evidente para isso é a “jornada dupla” das mulheres, que as faz produzir menos. E isso também pode ser atribuído às diferentes tarefas que homens e mulheres realizam nas cooperativas, já que os homens costumam coletar materiais dos grandes geradores e não recebem por produção, mas têm um salário fixo. O mesmo não ocorre para os triadores, que recebem por produção. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho nas cooperativas estabelece salários diferentes para os homens e mulheres que trabalham na mesma cooperativa.

4.2 Instabilidade Econômica e Ameaças ao Setor Informal

Preocupações recorrentes acerca dos baixos preços revelaram que a falta de estabilidade financeira afeta negativamente os trabalhadores e cooperativas. Um participante declarou que, em tais situações, a cooperativa e os catadores “ficam no vermelho” (GF N.º 10). De maneira concreta, os catadores veem esse problema como algo que os faz trabalhar mais “sem um retorno financeiro” e “vender os materiais por um preço mais baixo” (GF N.º 7). No entanto, o questionário demonstrou que os participantes têm uma visão otimista acerca do futuro próximo. Da amostra do questionário, 61,74% dos participantes afirmaram acreditar que ganhariam mais dinheiro no próximo ano. Além disso, vários deles sentem que sua receita não caiu nos últimos 12 meses.

Embora os dois tópicos a seguir não apareçam na maioria dos grupos focais ou questionários, eles refletem a insegurança enfrentada pelos trabalhadores informais. O primeiro tópico está relacionado à incineração, enquanto o segundo refere-se a mudanças que ocorrerão como resultado da preparação para a Copa do Mundo de 2014.

Durante a entrevista com uma liderança do movimento de catadores, a incineração foi discutida como um modelo que está chegando aos países em desenvolvimento e que pode ser apoiado por vários prefeitos. Isso é atribuído ao fato de que os “prefeitos não querem implantar programas de coleta seletiva, já que seu custo (desses programas) é quatro vezes o da coleta convencional”. Com base em sua perspectiva, é mais fácil enviar tudo ao lixo ou queimar.

A mesma liderança apresentou as preocupações com as mudanças na cidade em decorrência da Copa do Mundo. Sua crítica é refletida em seu comentário sobre como a cidade “está passando por (um processo de) higienização”. Ele continua, dizendo que as “pessoas estão perdendo seu espaço, o direito de ir e vir”. Apesar da incerteza acerca do que a Copa do Mundo efetivamente significará para o setor informal da coleta de resíduos, esse líder mencionou que ela poderia ser um momento para procurar parceiros para a construção de cooperativas. Nesse sentido, a Copa do Mundo também “representa oportunidades” para os trabalhadores, especialmente porque o “governo federal e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento)” dispõem de recursos (entrevista com liderança do movimento).

O representante da ONG apresentou suas preocupações com relação à Copa do Mundo destacando que terá um impacto direto em termos de aplicação de políticas que busquem revitalizar os espaços urbanos, o que, por sua vez, não deveria incluir os catadores. O maior medo com relação à Copa do Mundo é que os catadores ficarão confinados a determinados postos de triagem, dependendo das empresas para trazer os materiais a eles. Em sua opinião, há duas ameaças principais. Primeiro, os catadores podem não mais ter permissão de circular pela cidade para coletar seus materiais. Segundo, com a crescente diminuição de materiais - o que enfraqueceria ainda mais as cooperativas - pode haver cada vez mais justificativas das autoridades com relação às cooperativas não serem economicamente viáveis.

Implicação para Políticas

Falta de Conscientização da População acerca da Reciclagem

Discussões nos grupos focais revelaram a falta de respeito e conhecimento da população acerca do processo de reciclagem em geral. Vários catadores sentem que a população e a comunidade deveriam estar mais bem informadas sobre como separar materiais recicláveis. Além disso, vários catadores citaram a necessidade de trazer de volta programas educacionais, campanhas de mídia e até mesmo discussões em escolas e na comunidade sobre a importância da reciclagem para a cidade e o meio ambiente.

Isso reflete a necessidade da SLU de investir mais em campanhas educativas e iniciativas que coloquem em evidência o trabalho realizado pelos catadores de Belo Horizonte. Isso não apenas estabelecerá um maior reconhecimento das contribuições dos catadores para a cidade, mas também levaria a um aumento na quantidade de materiais enviados a cooperativas. Atualmente, muitos materiais enviados às cooperativas é misturado com lixo orgânico e cheio de refugos, mesmo os materiais deixados por doadores individuais.

Essencialmente, a falta de consciência da população acerca da reciclagem deveria forçar a SLU a repensar seus programas. Muito do que caracterizava as políticas públicas de Belo Horizonte nessa área na década de 90 era exatamente o investimento no reconhecimento social de atividades de coleta de resíduos. Na verdade, uma liderança do movimento entrevistada para este estudo lembrou como Belo Horizonte era conhecida pelos progressos na organização e divulgação de empreendimentos econômicos solidários, especialmente através da criação de cooperativas de coleta de resíduos. Essa mesma liderança também destacou como Belo Horizonte era um modelo para outras cidades de Minas Gerais e até mesmo para outros estados do país.

De acordo com ele, as recentes administrações da prefeitura distanciaram-se dos catadores. Em sua opinião, tem havido uma tendência a deixar as questões relacionadas aos catadores para a Secretaria Adjunta de Assistência Social, em vez da SLU, que lida diretamente com o programa de coleta seletiva. Para ele, o problema é que não há diálogo entre essas duas secretarias.

O representante da ONG INSEA reforçou sua opinião afirmando que o desgaste no relacionamento entre os catadores e a SLU começou há alguns anos. A desmobilização ocorre como resultado de uma higienização política no centro que incluiu várias tentativas de eliminar os catadores das ruas. Esses esforços ocorreram porque também houve um enfraquecimento da coleta seletiva.

Esses pontos de vista refletem uma demanda clara pelo estabelecimento de um melhor relacionamento entre os catadores e a SLU, voltando a como era no passado. Além disso, é essencial reconsiderar a implementação de programas que destaquem o valor do trabalho realizado pelos catadores, pois isso facilitaria a existência de uma maior conexão entre a população e esses trabalhadores informais. Em outras palavras, a falta de consciência da população está associada à visão da SLU para a reciclagem na cidade. Assim, essa preocupação ilustra o quão importante é o monitoramento dos programas de políticas da SLU e mudanças de perspectiva. Essa análise e compreensão da posição da SLU, com relação às atividades dos catadores, revelará que rotas políticas são mais benéficas para os catadores.

Problemas de Infraestrutura

Uma reclamação predominante que surgiu neste estudo está relacionada à fraca infraestrutura e design dos galpões. Falta de espaço, desorganização e problemas com equipamentos são mais um fardo para a carga de trabalho dos catadores. Esses problemas afetam diretamente a saúde e os relacionamentos pessoais deles dentro dos galpões. Uma das questões que frequentemente surgem

durante os grupos focais foi a presença de ratos, criando um local de trabalho não higiênico e até mesmo perigoso. Além disso, os catadores sentem que os elaboradores de políticas e os representantes da prefeitura não levam suas sugestões e pontos de vista em consideração ao desenhar os layouts de novos galpões.

A autoridade da SLU reconheceu as dificuldades causadas pela infraestrutura dos galpões, o que é atribuído ao fato de que vários deles foram improvisados para reciclagem. Nesses casos, a autoridade acredita que não há muito a ser feito quanto à alteração do layout.

Uma implicação clara para políticas envolve a disposição da SLU de uma discussão mais próxima com os catadores acerca de infraestrutura no futuro. Não é mais recomendável apenas fazer um planejamento cuidadoso, mas também avaliar o que deve ser feito para tornar as condições de trabalho mais seguras para os catadores. Também devem ser avaliados novos avanços tecnológicos e equipamentos que possam melhorar a eficiência do processo de reciclagem.

E essencialmente, isso aponta para a necessidade de considerar o planejamento da infraestrutura de maneira séria, especialmente no caso de planos para a expansão do programa de reciclagem da prefeitura.

Fortalecimento de Redes de OB's

As discussões dos grupos focais revelaram a falta de força das Redes de OB's em ajudar as cooperativas a comercializar seus materiais de maneira que desafie a atual dinâmica da cadeia de valor. No presente, e como demonstrado neste relatório, há uma grande dependência dos intermediários. Além disso, vários participantes não estavam totalmente cientes dos papéis desempenhados pelas Redes de OB's em suas cooperativas e em suas próprias situações profissionais, o que reflete a necessidade de maior comunicação entre as cooperativas, Redes de OB's e até mesmo ONGs de apoio aos catadores.

Programas de Assistência Social

O estudo reforçou a noção de que os governos municipais, estaduais e federais ajudam famílias de baixa renda ao oferecer programas de transferência de fundos ou incentivos pelo trabalho bem feito. Esses programas refletem a mudança do governo federal nos últimos 10 anos rumo ao fortalecimento de programas de assistência social para erradicar a pobreza em suas diversas formas.

As discussões destacam a dependência de programas como o Bolsa Família como um apoio financeiro adicional e essencial, especialmente em tempos de instabilidade no mercado ou de problemas internos nos galpões.

O recém-implantado Bolsa Reciclagem também é um programa importante cujo objetivo é oferecer incentivo para cooperativas e associações, tal como reforçado neste estudo. Os catadores veem-no como uma saída em períodos frequentes de instabilidade financeira. Quando há uma redução na quantidade de materiais enviados às cooperativas, os ganhos dos catadores diminuem, e esses trabalhadores dependem muito mais das políticas de assistência social do governo.

As descobertas apresentadas revelam que devido aos impactos de crises e instabilidades econômicas, os trabalhadores informais do setor de reciclagem de Belo Horizonte são forçados a depender de programas do governo. Nesse sentido, o recém-implantado Bolsa Reciclagem é um progresso em termos de garantir a proteção social desse setor.

Referências

- Chambers, Robert. 1994. "The Origins and Practice of Participatory Rural Appraisal". *World Development* 22 (7), pp. 953-69.
- Dias, Sonia M. 2011a. *Integrating Informal Workers into Selective Waste Collection: The Case of Belo Horizonte, Brazil*. Sumário Técnico WIEGO (Políticas Urbanas) N.º 4. Also available in Portuguese: http://www.inclusivecities.org/wp-content/uploads/2012/09/Dias_WIEGO_PB4_pt-1.pdf
- Dias, Sonia M. 2011b. *The Municipal Waste and Citizenship Forum: A Platform for Social Inclusion and Participation*. Sumário Técnico WIEGO (Políticas Urbanas) N.º 5. Also available in Portuguese: http://www.inclusivecities.org/wp-content/uploads/2012/08/Dias_WIEGO_PB6_pt.pdf
- Moser, Caroline y Jeremy Holland. 1997. *Urban Poverty and Violence in Jamaica*. Washington DC: IBRD/World Bank Latin American and Caribbean Studies.
- Moser, Caroline, y Cathy McIlwaine. 1999. "Participatory Urban Appraisal and its Application for Research on Violence". *Environment and Urbanization*, Vol. 11 (2), pp. 203–26.
- Moser, Caroline y Cathy McIlwaine. 2001. "Violence and Social Capital in Urban Poor Communities: Perspectives from Colombia and Guatemala." *Journal of International Development* 13.
- Moser, Caroline y Cathy McIlwaine. 2004. *Encounters with Violence in Latin America. Urban Poor Perceptions from Colombia and Guatemala*. Nueva York y Londres: Routledge.
- Moser, Caroline y Alfredo Stein. 2011. "A Methodological Guideline for Implementing Urban Participatory Climate Change Adaptation Appraisals." *Environment and Urbanization* 23, N.º 2, pp. 463-486
- Moser, Caroline, Angélica Acosta, María Eugenia Vásquez. 2006. *Mujeres y Paz: Construcción de Consensos, Guía para procesos participativos e incluyentes*. Bogotá: Social Policy International.
- Oliveira, F.G. e F. Lima. 2012. *Eficiência e Solidariedade nas Associações de Catadores de Materiais Recicláveis*. Documento de Trabalho WIEGO (Políticas Urbanas) N.º 22
- Soares, Sergei. 2012. "Bolsa Família, Its Design, Its Impacts and Possibilities for the Future." International Policy Centre for Inclusive Growth (IPC - IG), Documento de Trabalho N.º 89. <http://www.ipc-undp.org/pub/IPCWorkingPaper89.pdf> (acessado em 15 de julho de 2013).

Sítios consultados

Site de WIEGO. 2013. Disponível em <http://wiego.org/informal-economy/statistical-picture> (accesado em 01 de maio de 2013).

Anexo

Tabela 23 - Informantes chaves		
Nome	Organização	Posição
José Aparecido Gonçalves	Centro Mineiro de Referência em Resíduos	Representante estatal de Minas Gerais
Luciano Marcos	INSEA	Representante de OB
Luiz Henrique da Silva	Movimento Nacional de Catadores	Representante del Movimiento Nacional
Vanúzia Gonçalves Amaral	SLU/Prefeitura de Belo Horizonte	Representante

O Estudo de Monitoramento da Economia Informal (IEMS) faz parte do projeto Cidades Inclusivas. O “Cidades Inclusivas” é uma colaboração de organizações de base (BO’s) dos trabalhadores pobres, alianças internacionais de BO’s e organizações de apoio que trabalham em parceria para melhorar a situação de trabalhadores pobres. Lançado no final de 2008, o “Cidades Inclusivas” tem como objetivo fortalecer as BO’s nas áreas de organização, análise de política e incidência para garantir que os trabalhadores informais urbanos tenham as ferramentas necessárias para ganhar voz nos processos de planejamento urbano.

O Estudo de Monitoramento da Economia Informal é liderado pelo Mulheres no Trabalho Informal: globalizando e Organizando - WIEGO (acesse www.wiego.org) - uma rede de trabalho global de ação-pesquisas-políticas que busca melhorar a situação de trabalhadores pobres, especialmente mulheres, na economia informal. A WIEGO formou um Comitê Consultivo Técnico (TAC) para orientar o projeto.

Os Principais Membros do TAC são:

Imraan Valodia (Universidade de KwaZulu-Natal), Diretora do IEMS

Martha Chen (Universidade Harvard), Presidenta do TAC

Sally Roever (WIEGO), Coordenadora de Pesquisas Qualitativas do IEMS

Michael Rogan (Universidade de KwaZulu-Natal), Coordenador de Pesquisas Quantitativas do IEMS

Membros Adicionais do TAC:

Sonia Dias (Especialista do Setor de Materiais Recicláveis da WIEGO e Universidade de Minas Gerais)

Rhonda Douglas (Diretora de Projetos Globais da WIEGO)

Zoe Horn (Responsável por Pesquisas da WIEGO, IEMS)

Francie Lund (Universidade de KwaZulu-Natal)

Melanie Samson (Coordenadora do Programa de Catadores da WIEGO África e PARI)

Shalini Sinha (Especialista do Setor de Trabalho Domiciliar da WIEGO)

Caroline Skinner (Diretora do Programa de Políticas Urbanas da WIEGO, Centro Africano para Cidades e Universidade da Cidade do Cabo)

Caroline Moser, Angélica Acosta e Irene Vance chefiaram o desenvolvimento, e o treinamento, dos módulos qualitativos do estudo



Cidades inclusivas

